

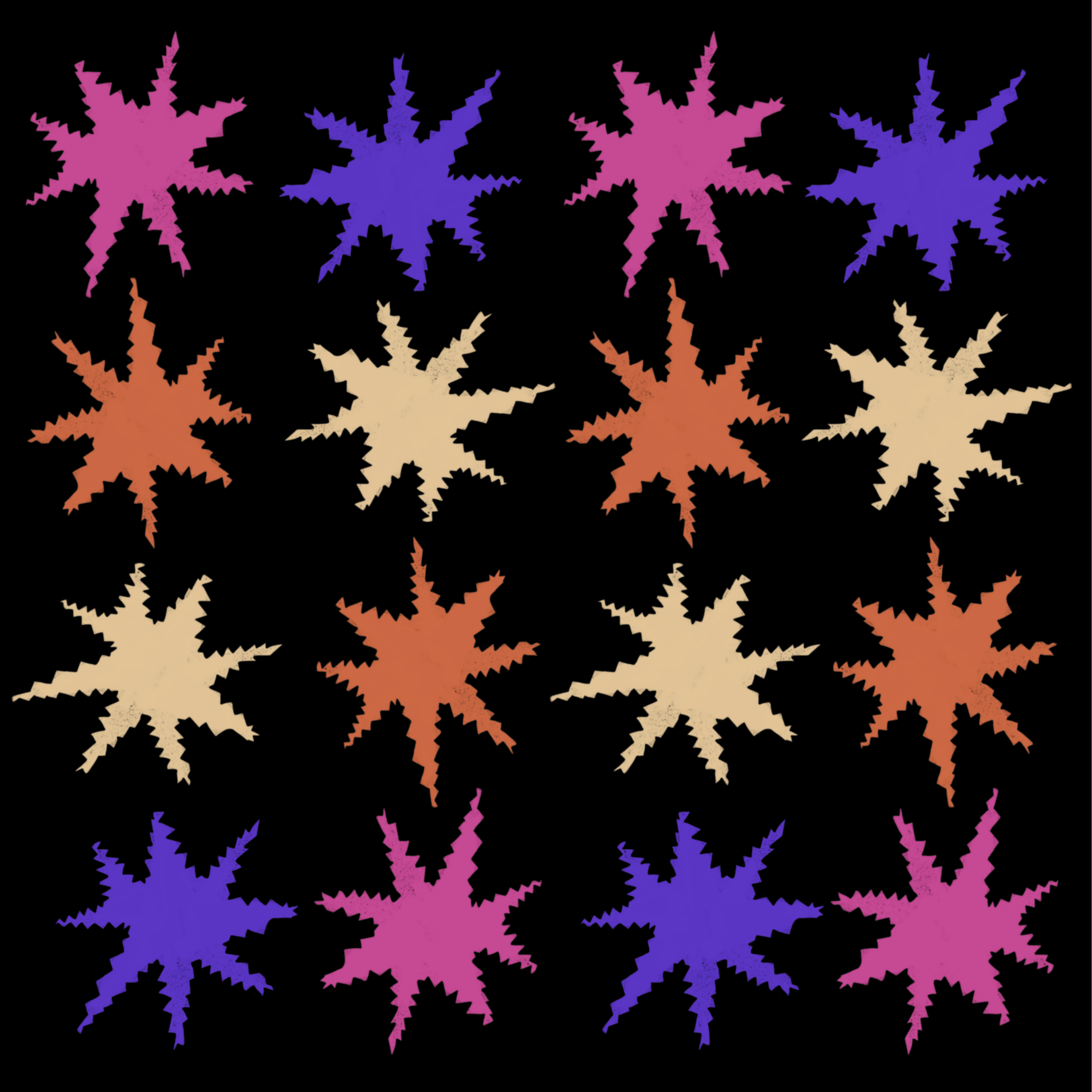
EDITORA
DIÁLOGOS
INSUBMISSOS

FUNDAÇÃO
ROSA
LUXEMBURGO
BRASIL E PARAGUAI

SLAM INSUBMISSO _2021

Edição Especial
Autoras Nordestinas





SLAM INSUBMISSO _2021

Edição Especial
Autoras Nordestinas

AYALA TUDE, DAYSE SACRAMENTO
e MANOELA BARBOSA (Org.)

Traduzido por AYALA TUDE

Ilustrado por MAREACAROL

EDITORA
DIÁLOGOS
INSUBMISSOS


FUNDAÇÃO
ROSA
LUXEMBURGO
BRASIL E PARAGUAI

REALIZAÇÃO	EDITORA DIÁLOGOS INSUBMISSOS e FUNDAÇÃO ROSA LUXEMBURGO
EDITORA RESPONSÁVEL	DAYSE SACRAMENTO
ORGANIZADORAS	AYALA TUDE, DAYSE SACRAMENTO e MANOELA BARBOSA
TRADUÇÃO	AYALA TUDE
ACOMPANHAMENTO EDITORIAL	AYALA TUDE, DAYSE SACRAMENTO e MANOELA BARBOSA
PREPARAÇÃO DE TEXTO	AYALA TUDE
REVISÃO GRÁFICA	NAIRA AQUINO
PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO	MAREACAROL
PRODUÇÃO EXECUTIVA	TÉCIA SANTOS
DIREÇÃO FUNDAÇÃO ROSA LUXEMBURGO	TORGE LOEDING
COORDENADORA DE PROJETOS FUNDAÇÃO ROSA LUXEMBURGO	CHRISTIANE GOMES

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Slam insubmisso 2021 [livro eletrônico] / Van Cerqueira ... [et al.]. -- [tradução Ayala Tude]. -- Salvador : Diálogos Insubmissos de Mulheres Negras, 2021.
PDF

Outros autores: Jessica Preta, Carmen Kemoly, Stella Carvalho
Título original: Slam insubmisso 2021
ISBN 978-65-996370-1-8

1. Literatura infantojuvenil 2. Mulheres negras
3. Poesia - Coletâneas - Literatura brasileira
4. Racismo I. Cerqueira, Van. II. Preta, Jessica. III. Kemoly, Carmen. IV. Carvalho, Stella

21-90808

CDD-B869.108

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Coletâneas : Literatura brasileira
B869.108

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Esta publicação foi realizada com o apoio da Fundação Rosa Luxemburgo e fundos do Ministério Federal para a Cooperação Econômica e de Desenvolvimento da Alemanha (BMZ). O conteúdo da publicação é responsabilidade exclusiva de Editora Diálogos Insubmissos e não representa necessariamente a posição da FRL.

Somente alguns direitos reservados. Esta obra possui a licença Creative Commons de "Atribuição + Uso não comercial + Não a obras derivadas" (BY-NC-ND)



PRE FÁCIO

O Slam Insubmisso 2021 - Edição Especial

Autoras Nordestinas é a materialização de mais uma parceria entre o Diálogos Insubmissos de Mulheres Negras (BA) e a Fundação Rosa Luxemburgo (Brasil e Paraguai) no intuito de fomentar e difundir a produção científica produzida por mulheres negras no contexto brasileiro de/para o mundo. A iniciativa significou um espaço de acolhimento e fortalecimento entre intelectuais negras nordestinas que são artistas da palavra. Este espaço de encontros enfatizou a necessidade de conexões e diálogos entre nós e com/para o mundo. Diferentemente das narrativas ocidentais, as quais insistem na ideia de dissidências entre oralidade e escrita através da manutenção de binarismos antagônicos como única via

de expressão, aqui, partimos da ideia de que essas expressões reverberam potencialidades artísticas onde **corpo-voz-escrita** se amalgamam, dançam, conversam, e, sobretudo, *mobilizam as nossas sensibilidades interseccionais*.

Partimos da compreensão de que não há separação entre testemunhos seja escrito ou oral. Todo testemunho é, antes de tudo, um testemunho humano e, por isso, ambos devem ser valorizados a partir da perspectiva da coexistência. É nessa direção que apresentamos esta antologia bilingue que reúne as poesias das finalistas do **Slam Insubmisso 2021**: Carmen Kemoly (Maranhão), Jessica Preta (Pernambuco) e Van Cerqueira (Bahia) que em seus textos sugerem, criam e problematizam algumas questões que permeiam nosso cotidiano e através de suas poéticas contribuem para reafirmação do quanto o slam é um gênero bastante diversificado, complexo e em pulsante movimento.

Notamos que a diversidade identificada nas poesias das autoras corrobora para desmistificar a ideia simplista de que os conteúdos abordados se limitam às

temáticas que se referem a violências, aos preconceitos e estereótipos, embora esses também sejam alguns dos temas que estão presentes nos textos. Os poemas apresentam reflexões densas sobre o contexto social de um Brasil-presente ainda imerso na pandemia COVID-19. Algumas poetas, se utilizam do *pretuguês* de Lélia Gonzalez, expressam suas experiências subjetivas de mulheres negras nordestinas, externam o amor entre sapatonas, discutem sobre a violência de existir num país racista que dizima corpos negros diariamente e invocam as intelectuais-ancestrais brasileiras para orientar os caminhos da insubmissão.

Destacamos ainda, questões que apontam para a importância da *autodefinição* e a reafirmação de uma diversidade estética que prima pelas narrativas em primeira pessoa, o que se configura num fator importante que favorece processos de ressignificações bem como sugerem novas narrativas para a Literatura Brasileira Contemporânea e, com isso, potencializa espaços de diálogos e perspectivas múltiplas.

No que diz respeito a tradução dos poemas para o inglês, consideramos uma forma de ecoar as vozes das poetas para que elas não fiquem contidas nos limites da língua portuguesa, pois entendemos que a língua não deve nos separar, conforme sugere a intelectual afro estadunidense Geri Augusto. O prazeroso desafio de realizar esse trabalho, que não se resume apenas a uma tradução de uma língua para a outra, foi a possibilidade de estabelecer um diálogo subjetivo com cada uma das autoras, além de um exercício criativo de escolhas tradutórias.

Um trabalho desafiador, pois ao longo do processo o questionamento constante foi sobre como traduzir a insubmissão de mulheres negras para o inglês sem distanciar da essência e das subjetividades de mulheres negras nordestinas respeitando os limites entre uma língua e outra. Mas, ao mesmo tempo, prazeroso porque foi um exercício de leitura catártico e que oportunizou a liberdade de expressar a criatividade para brincar com as palavras, ritmos, nuances, provocações e sensações que os poemas suscitam. Nesse sentido, para

estabelecer um diálogo com a prática de tradução negra iniciada por Bruna Barros e Jess Oliveira¹, em um dos poemas as palavras **bicha** e **sapatão** são mantidas em português como uma estratégia de transnacionalização das identidades políticas de corpos e subjetividades não heterossexuais e não heteronormativas, como forma de reduzir o isolamento que as línguas coloniais impuseram sobre essas comunidades. É também possível observar o termo ain't, termo do Black English usado em sentenças negativas pelas comunidades afrodiaspóricas, para dialogar com a insubmissão linguística em alguns poemas que não seguem os padrões formais e embranquecidos da língua portuguesa.

Por fim, esta publicação é fruto de esforços intelectuais, artísticos, acadêmicos e editoriais e se configura como uma oportunidade de insurgência que se inscreve no campo literário como um ato de insubmissão, pois bem sabemos a lida e a luta de materializar uma publicação em tempos tão nefasto e de reproduções de violências contra pessoas negras no Brasil, sobretudo no campo da Literatura. Assim, deleite-se

e apure a escuta das tantas vozes que entrecortam cada linha dos poemas que integram esta obra.

¹ Bruna Barros e Jess Oliveira. 2020. "Black Sapatão Translation Practices: Healing Ourselves a Word Choice at a Time". Caribbean Review of Gender Studies, v. 14: 43–52). Disponível em: https://sta.uwi.edu/crgs/december2020/documents/CRGS_14_Pgs43-52_Barros_Oliveira_BlackSapataoTranslationPractices-final.pdf



Ayala Tude

Tradutora. Mestranda em Literatura e Cultura com foco em Tradução Cultural e Intersemiótica - UFBA. Integrante e pesquisadora do grupo Traduzindo no Atlântico Negro. Fundadora do curso de inglês numa perspectiva afrodiaspórica Afro Diaspora Connect. Coordenadora de comunicação internacional na plataforma literária Diálogos Insubmissos de Mulheres Negras.



Dayse Sacramento

Mulher preta de Salvador, professora de Língua Portuguesa do IFBA, Doutoranda em Literatura e Cultura - UFBA, Produtora Cultural e Idealizadora, responsável pelo Circuito Literário Diálogos Insubmissos de Mulheres Negras e pela Editora Diálogos Insubmissos.



Manoela Barbosa

Sertaneja de Jequié-BA, educadora e pesquisadora, filósofa, mestra em Crítica Cultural e doutoranda em Literatura e Recepção. Integra a equipa do Diálogos Insubmissos de Mulheres Negras.



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	10	Lélia González	33
CARMEN KEMOLY	12	Cria Ativa	36
Atlântica	13	Eugenia Brasileira	38
Insone Poesia	16	VAN CERQUEIRA	41
Pandemônio	20	Filhxs de Ninguém	42
JESSICA PRETA	24	500 de Brasil	44
Convocação	25	Geracional	46
Sai da Esquina	26	Ela não elogia mais meus poemas	48
Estatística	29	Extermínio Deliberado	50
Delacruz	31	SOBRE AS AUTORAS	52

APRE SENTA ÇÃO



Stella Carvalho

Entre os rios que se formam em insubmissas lágrimas de mulheres negras e desaguam mares de diálogos insurgentes para a provocação de rupturas aos sonos injustos da casa grande, há encontros e desencontros, propícios e atônitos, à grande exuberância viva. Poesia clamada e contínua nas partículas conglomeradas em nós e em nossas rompantes escrituras.

Escrevemos o que há muito se cala e não se sente. Proclamamos o que em nós não se acalma e diz: sente! Convidamos, em boca, corpo, palavra e entre dentes, ao que propõe a vida. Ao que nos retoma a mímica interpelada desde os ventres, interpretada em dissidentes, intercalada em tudo o que é gente. Pois a gente é palavra feminina.

À acolhida honramos o que somos. Em comunidade, canto e díssono. Quando a mim reverbera o que a ti diz: poesia. Registro culminante desmembrado em lembranças, pois, mesmo enquanto nada recordo, busco, crio. Criamos. Encanto. Combinamos o limbo do que acessa a sensibilidade de pensarmos e maximizamos as encruzilhadas se comunicamos. Sempre obstante, coopera-se a cisma, a clausura do que for fim a nós e metamorfoseia-se a morte. Grafamos, em timbres garrafais e sonetos de várias, o acordado silencioso. Continuaremos aqui já que aqui só está enquanto sempre estivermos.

Um ebó de boca oferendado por
muitas. A tantas outras. Porquanto
tudo o que nos for negado neste
pandemônio nos cative a guerra,
abriremos despachos às submissões
brancas em nossa insone poesia.
Repita. Porquanto tudo o que nos
for negado neste pandemônio
nos cative a guerra, abriremos
despachos às submissões brancas
em nossa insone poesia. Convocação
insossa e incerta saída da esquina
e narrada por filhas de ninguém
para que, enfim, se geracione a
nossa memória. Conquanto o topo
nos afaste a destreza de ser chão,
a base é a manutenção da vida.
Raízes que somos, sementes que
seremos às frondosas que fomos,
cultivemos inenarráveis e nauseantes
experimentos com a nossa gritaria.



CARMEN KEMOLY



Atlântica

Toda vez que eu dou um passo
O mundo sai do lugar
Toda vez que eu dou um passo preto
Vem a história branca me confrontar
Me afrontar, tentar me dominar
Toda vez que essa corrente eu tento tirar
Vem a escrita eurocêntrica tentar me
derrubar
Me desequilibrar, duvidar, tentar me
formatar, me moldar, me enganar
Feito um muro de pedra, que separa o
bom do ruim
Vem com toda força tentar me confundir
Meus irmão desenganado, repetem,
tentam reproduzir
Eu? Tô fora! Tô do outro lado, quero ver o
fim
Porque eu sou do Nordeste brasileiro
e percebi a imensidão daquele Rio de

Janeiro
subindo e descendo a Estrada do Grajaú
Milhares de pontinhos de vida que tu não
vê lá da zona sul
No metrô tu começa a sentir
No buzão tu confirma a impressão
Mas é no trem, que os preto e as preta
da Baixada tem a certeza da
permanência da escravidão!
Beatriz Nascimento foi quem falou
"Atentai à diáspora brasileira que vem
pro Sudeste
Do Norte e do Nordeste"
Atravessaram o Atlântico Negro, não
vieram por ibope
Construíram esse país pelos mares,
fazendas, indústria têxtil, metalúrgica
Mas não ganharam nenhum holofote
À noite, continuam a subir o morro



PRESTA PASTA INJUBMISSA

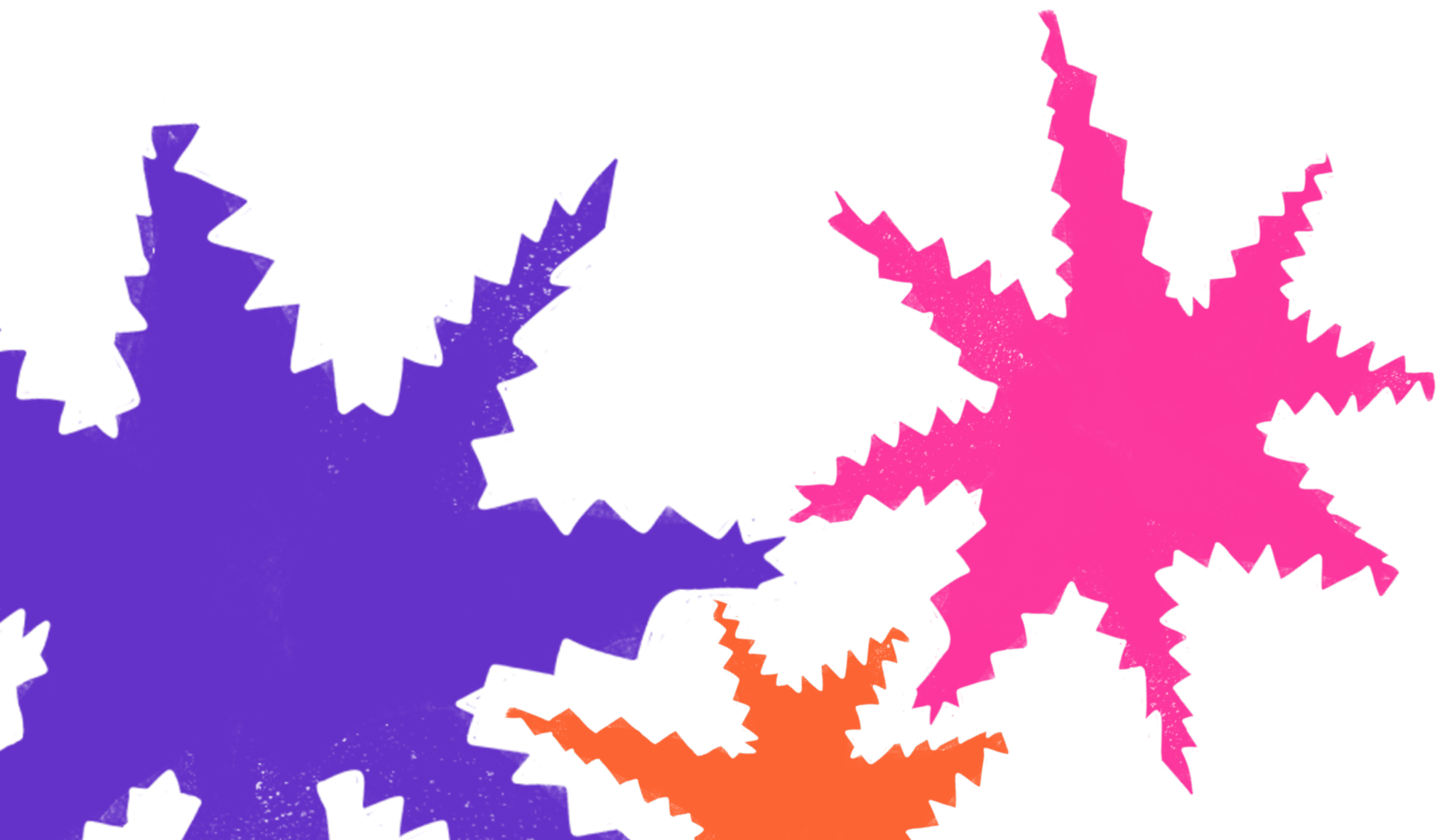
e lutar por dias melhores
Mas se segura ladrão, que nosso bonde
tá forte!
Esperança Garcia, preta piauiense
escravizada,
até a OAB já teve que oficializar
nossa primeira brasileira advogada
Sua carta de 1770
denunciava tanto quanto Marielle Franco
na bancada
Tem mais de miliano que nossas preta e
nossas índia segue aliada
Tá duvidando? Pergunta pras Jurema,
pras Jussara!
Se quiser alongar a história, fale da

guerrilheira Aqualtune, das Dandara!
Mas não esqueça da aquariana Lélia
González
E a noção que ela trouxe lá em 88
de Amefricanidade
Muito menos da Sueli Carneiro
Que hoje em dia segue fazendo coro
e tombando a internet com
a Djamila Ribeiro
É discurso inflamado, narrativa
de malôquero
Junta com essas roda de slam e freestyle
espalhada pelo Brasil inteiro
E agora me diz! Se nós não tem projeto
político pra esse país

Forjado na luta de muita mulher matriz
Não tem essa de Princesa Isabel,
redentora dos escravos, imperatriz...
Nosso debate tá muito avançado
Não comporta mais em tese de
doutorado de mandado
Quando nós se junta é pra tomar logo de
assalto a nação
Todas as nações em diáspora africana
Black Block, na contramão, até da tua
falsa esquerda de oposição
Indo bem além do discurso de amor
do Dalai Lama
Nós tamo munido é de muita revolta
Em luto rebelde, vamo dar uma senhora
reviravolta
E fazer com que uma nova África ressurja
aqui no Brasil, que desculpe lhe dizer...
Não é Ocidental
E que ela não mais chegue aqui nos
navios do Pedro Álvares Letal
Dessa vez, vai ser inspirada no Pan
Africanismo de outro, do Amílcar Cabral
Vai ser sem piedade, vamo rir da cara dos
racista, meter a mão na cara dos polícia
e perguntar
Quem aqui, que tem instinto de animal?



Insonne Poesia



Eu peço licença
Que poesia preta é terra sagrada
Playboy tenta, imita, imita..
Mas as verdadeira saca
Mente descolonizada
Já perdemos a paciência
Pretas no poder e no front
Batemos nessa frequência
E nos corre incessantemente, destruindo
as correntes
Desses corpos e das mentes
Se esquivando das serpentes!
Vim de Timon, devastei Teresina
Tem terecô, encantaria e a umbanda
domina
Ver minha negrada, com saúde mental
Protegendo seu espírito, desse sistema
brutal
Não mais nossos irmãos, confundido com
bandido
Crespo e dread não é suspeito, é nossa
força, é lindo!
É lindo, é luta e não vamos parar
Racista infame, sequela, vai ter que nos
aturar
Denunciar, em todo lugar, nós vamos
apontar e eu vou ter que atacar
Se o racismo é estrutural, a nossa meta é

derrubar!
Porque tem dia...
em dia que a poesia me dá uma insônia
desgraçada
é uma agonia, um transtorno, uma
viagem descompassada
Tentei não culpá-la
Apontei outros nomes, mas não
encontrava outros sinônimos
Era ela!
O diabo da poesia
Não me deixava em paz
Eu ia...
Decidida!
Hoje eu vou conseguir
Tranquila eu vou dormir
E ela vinha, com força, agredindo
Eu gritava, expurgava...É agora poesia!
E ela saía, enxuta, endemoniada
Aaah, bendita poesia...
Saía milagrosamente perfeita
No escuro, luz entreaberta amarela
Inteira
Eu ia...
respirava..
vamos deitar nessa nuvem que se
chama...Agonia!
E ela não deixava, me levantava

Papel e caneta, me perturbava
Era certeza
palavras vem desaguar
E depois repetir
levemente recitar
Desacelera, desacelerar
e por um instante
por um cintilante instante
Juntinhas
Era eu e a poesia
Eu e a poesia
Eu...toda poesia!!
E ainda me gritaram 'nêga feia'...
Eu prestei muita atenção
Sabia que era pretinha
Mas não entendia minha missão
Boca de sapo
E nariz de bolota
Ouvi tudo calada não sabia ao certo
minha rota
Continuei persistindo
E dando meu melhor
Não era branca
Cor de jambo, muito pior!
Me igualei aos meus
Descobri minha cor
Eu era preta mermo
E não devia nada a doutor

Entrei nos becos, nas quebradas e nas
vuelas
Nem precisava ir longe eu já tava dentro
dela
Gritei pra todo mundo
Eu vou me revelar
Não sou Europa
Minha casa é a Áfricaaaa!
Cabelo crespo e a pele muito escura
De Custódia a Pedrinhas aqui todo
mundo é da rua
Cê quer ouvir o quê? Que nosso rap é de
patrão, que nosso funk é ostentação?
Quem é que tá com a tatuagem na cara
com todas as marcas da escravidão?
Na construção civil, servente de pedreiro
Nas cerâmicas, no barro, nós ainda é os
carvoeiro
Nos engenhos, na cana de açúcar não
acabou
No latifúndio, o trabalho escravo sustenta
teu lucro! Um horror...
A nossa força foi, e ainda é a mais barata
do mercado
No diploma da vida eles nos chamaram
de reprovados
mas mentiu...quem disse que ficamos
calados

Pois nessa barricada, somos do mesmo
lado
E o nosso lado, é lado a lado com as
irmãs
as mana negra chegando e quebrando
todos os padrões
Não vai ter traficante, nem menor de
avião
Toda negrada em cena mostrando o valor
desse camburão
Desse CAMBURÃAAAO!



Pande- mônio

A essa altura do campeonato
Não tem mais ninguém besta aqui não,
ninguém escapa!
Pra entender que *hashtag* tá longe de ser
luta concreta, desgraça..
É só uma tática
É claro que vidas negras IMPORTANTAM
Foram elas que vieram EX-POR-TA-DAS
Pra construir esse país aqui, ó...De graça!
Sendo chamada de macaca
Foi esse o pagamento que recebemos
dessa nação
Que o nome é Brasil e o sobrenome é
Farsa
Mas por essa ninguém esperava
Ficar em casa agora é lei
Mesmo sem água na torneira, sem um

tostão no bolso
Playboy ainda vai dizer que é curtição de
preguiça, né meu rei...
Teu presidente confunde os discursos
Trabalhador da periferia quer sair pra
trabalhar
“Mas meu senhor, estamos diante de uma
Pandemia, parecida com aquelas dez
pragas que a Bíblia gosta de contar”
E ele pergunta: é tu que vai me sustentar?
Por hora esperamos até cansar a renda
familiar
Que demora uma vida pra chegar
Esperando que esse seja um momento de
RUPTURA
Que a História vem profetizar
E já tão pedindo o *impeachment* do



Bozo
Não sei se choro ou se choro
Sairia Bolsonaro entraria Mourão
Vamo errar de novo na prática
Onde foi que a gente enterrou a nossa
Radicalização
Já estamos vivenciando censuras
O Brasil virou uma República Fascista
Militar
Povo preto, vamos raciocinar
Se não é o nós por nós que tem nos
mantido vivos
Da cultura periférica à agricultura familiar
Presta bem atenção nessa Nano,
Biotecnologia
E depois tu vem me dizer
Se esse negócio de vírus

Num é um projeto pra nos exterminar
Mas quem é que luta não estando
presente?
E já ceifaram a vida de tanta gente
Gritamos Cláudia Presente, João Pedro,
Ágatha, Marielle Presente!
E enquanto eu escrevia essa poesia
Miguel foi morto pelas garras da patroa
de sua mãe, Sinhazinha, Racista e
Negligente
Não vai sobrar nem a cor da minha gente
Pra identificar que essas cenas, essas
cenas não são de suspense
É gente da minha gente, é vida real
Mas pra eles nós nunca nem fomos gente,
é surreal!
E nós sabemos que nossos ancestrais

vieram foi lá das terras do repente
Tomando sol quente
Subindo morro sem repelente
Nas matas, corpo fechado e cabeça
rente...
Se atente
O plano deles era em cem anos ter
exterminado a melanina dos meus
precedentes
Com uma miscigenação que tentou
clarear a cor dos meus parentes
E desse solo sagrado
Ainda vai se reerguer o ponto de ligação
junta aldeia, asfalto, quilombo
Tá formada a nossa facção
Vai ter magia, feitiço, e encantaria
cobrando a cabeça desses ladrão
Eu quero meu ouro de volta
E eu não tô falando de migalha
Tô falando de profunda, integral e
completa REPARAÇÃO.



DESISTO PEREIRA



Convocação

Andei fazendo as contas
E tem alguma coisa errada
O movimento tá forte
Os pretos estão vindo
Os pobres, nem se fala
Mas os meus olhos treinados estão
sempre a procurar
Onde é que estão "as minas" na hora de
rimar?
E eu vou além se é para falar de minoria
Onde é que estão as gays lá da periferia?
Tá faltando gente aqui
Isso não vai passar em branco
Só vai passar em bando
Agarrado
Abraçado,
Ajuntado em estado de
Unir calos
Será possível que ainda não deu para
entender?
Segregação é manobra do Estado para

diminuir nosso poder
Dividir, conquistar, você já ouviu esse
lema?
Fragmentar esse todos é o maior
esquema
É que a gente junto vira agência
Vira potência e resistência
Ninguém aguenta
Atura ou surta
Reclama alto
Sem medo de morrer porque pelo todo
está guardado
E o nosso lugar de fala, mano
Nesse caso é um só
Somos todos "fudidos" do sistema dó
Do sistema dor
Cismados, mas ressignificados pelo
sistema amor
É por isso que eu não vou calar
Eu vou gritar tá faltando gente aqui
E é nossa responsabilidade chamar!

Sai da Esquina

Sai da esquina
Sai da esquina
Sai da esquina
Eles podem te pegar

Sai da esquina
Sai da esquina
Sai da esquina
Só tua mãe vai chorar
É meia-noite e trinta
E meu coração palpita
Cadê esse menino que não chega dessa
esquina?

É meia-noite e trinta
E meu coração palpita
Será que é hoje que ele não vai mais

voltar?

Mandei mensagem as dez
Ele disse que tá vindo
Já é meia-noite e trinta e nada desse
menino
Meu coração palpita
E eu só consigo pensar
Sai da esquina
Eles podem te pegar

Queria ter dinheiro
Para poder te salvar
Queria ter poder pra te tirar desse lugar
Queria ter empresa para poder te
contratar
Queria ter poder

Só para mainha não chorar

Tentando vencer na vida
Através da boa conduta
Não salvo nem a mim
Com essa porra de postura

Já é uma hora
E mainha não dormiu
Coração tá apertado
E a cabeça "tá a mil"

De repente a notícia
Ele morto lá no chão
Nem prenderam, nem avisaram

Só "fizeram o balão"

Sente a dor
O odor
De uma família em extinção
Sente a dor
O horror
De perder mais um irmão

Escutei sua voz
'Me chamando' lá no beco
Abri os olhos e vi
que tinha sido um pesadelo

Hoje ele chegou



O sistema não venceu
Mas amanhã é outro dia
Na saga do desespero
O moleque quer dinheiro
Ele quer dignidade
Quer ter carro e comida
Quer ser homem de verdade

Agora eu vou dormir, pois meu menino tá
em casa
Mas a esquina ainda tá lá
Para te jogar atrás das grades

Ninguém liga para o teu choro
Se "vai um e vem dezoito"
Enquanto eles comem carne
'Tu trafica' por biscoito
Então ouve a tua irmã
E vem comigo estudar
Porque se tu arrepiar
Eles podem te matar

Sai da esquina!



Estatística

De 10 mulheres que conheço
9 já foram abusadas
A décima não se lembra ou não percebeu
que foi violada
É que a cultura do estupro está muito
enraizada
Aí a gente confunde malicioso aperto
com abraço camarada
Toques sutis na minha perna
No meu peito
Na minha saia
Tudo parece normal para quem está
acostumada
Me embriagam
Juram amor
Ou sou ameaçada
Com faca ou Instagram
Tô sendo sempre atacada
Meu pé na rua e começa a caçada
Homem nunca vai entender o que é
andar atordoada

Meu pé na rua e começa a caçada
Já diziam os mais velhos homem é
caçador e a mulher é a caça
Se aproveitam de tudo inclusive
psicologicamente
Passam a mão sem aval porque você é
irreverente
Você é muito sensual
Não pude me conter
Se não quisesse meu olhar
Botava pano para esconder
Argumentos fáceis e ao mesmo tempo
mentirosos
Quero saber como uma criança encanta
sexualmente os teus olhos
Teu pé dentro de casa e começa a
caçada
O que era proteção na verdade é
ameaça
Meu pé dentro de casa e começa a
caçada

No olhar do caçador a sobrinha é a caça
De 10 mulheres que conheço
10 já foram abusadas
Porque a uma que faltava
Acabou de ser avisada!



Delacruz

Ta doendo e eu
não consigo respirar
rico argumentando
que o mundo só melhora se
se a gente metralhar
os ladrão de celular

afinal
o destino a gente escolhe
e se quiser roubar ao invés de estudar
sua morte
realmente não comove

bonita
essa sua narrativa
pena que infelizmente eu te conheço
se é pra matar ladrão irmão
eu to contigo então
me passa aqui teu endereço
comédia!

Trancado numa ilha
De comida e de bebida
só põe o pé na via
pra roubar bolsa família
teu conservadorismo
só conserva tuas cria
sai logo da minha frente
antes que eu mude tua sina
enquanto tu me fala dessa tal
democracia
teu filho ta no quarto cheirando a tua
hipocrisia

menino que tem fácil casa, roupa e
bebida
não sabe o que é fazer um corre todo
santo dia
pra garantir comida dentro da periferia
mas sabe defender a tal da meritocracia

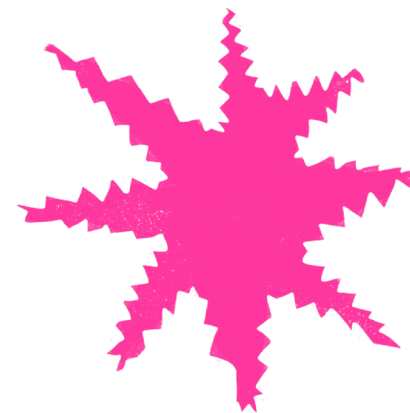
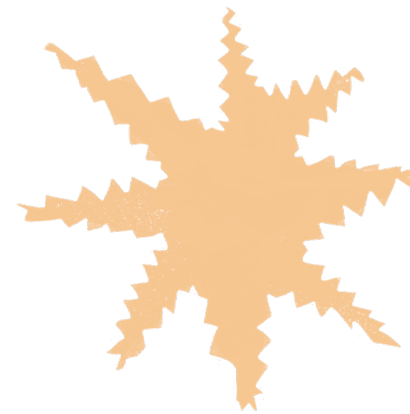
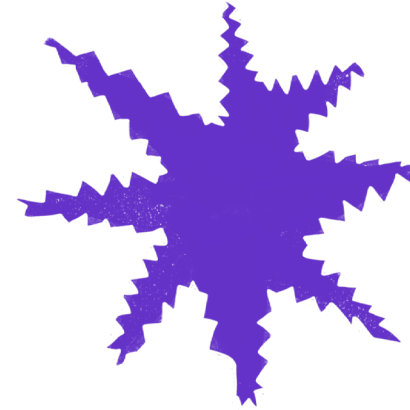
enquanto tu discursa sobre a sociedade

na minha pele eu sinto
depressão e ansiedade,
amigo ta perdido
pelos cantos da cidade
todo mundo assistindo
mas tu finge que não sabe
enquanto denuncio o quanto tu é um
covarde
um cachimbo, uma tragada
tamo perdendo ele pro crack

Delacruz meu querido eu não sou uma
otarquia
Eu sei que tua vida não é como tu queria
E tem dias que a gente só quer desistir da
vida
Mas por favor amigo ouça essa que te
grita

Eu sei que esse mundo na verdade é uma
viagem
Largaram a gente aqui sem o dinheiro da
passagem
Pra ajudar não deram nenhum tipo de
vantagem
Pra piorar mudaram o nome que se dá as
grades

E apesar da violência que ainda continua
A ideia é uma só
minha vida pela sua



Lélia González

Quando falamos em mulheres
O que te vem à memória?
Quais são as mulheres que você conhece
na história?
Já ouviu falar em Lélia de Almeida
González
Intelectual, política, professora
Que denunciou no Brasil o racismo
e todos os seus males
Filha de Oxum
não tem mulher que represente melhor
A sabedoria e o poder feminino
Cada lapada que recebia da vida
ressignificava e devolvia em pesquisa
sobre o racismo e o sexismo
Sua luta era pela descolonização do
saber

Criar consciência no povo negro brasileiro
Para que eles resgatassem o orgulho de si
mesmos
Forasteira de dentro
derrubou portões acadêmicos
e os mitos endêmicos
de democracia racial
Filha de preto e indígena
Décima sétima filha
rompendo com estrutural
Cria Ativa de favela
não se contentava em só escrever
Ela botava a mão na massa
questionava representação nos
ambientes de poder
Abriu as portas do legislativo
e ainda que suplente foi o início



De mulheres negras
agentes políticas como ofício

Mas nada lhe afastava de sua base
Para entender o racismo foi da filosofia à
psicanálise
Denunciava a neurose cultural brasileira
Que impregnada no inconsciente coletivo
a imagem do preto rejeita
E aceita
a inferioridade do colonizado
Enquanto o colonizador
vira senhor
Salvador
em vez de ser demonizado

Da análise ao dialeto
Tudo que tiver por perto
Catupiry, bunda, quitanda, Framengo,
manifesto
Tudo conta uma história
De sequestro, dor e resistência
O pretoguês é vivo
e não se curva a sentença

Criadora do movimento negro unificado
Lélia é semente que germina
Mulher negra, afrodescendente da
América Ladina
Na embolada é diferente
Tem o rap e o repente

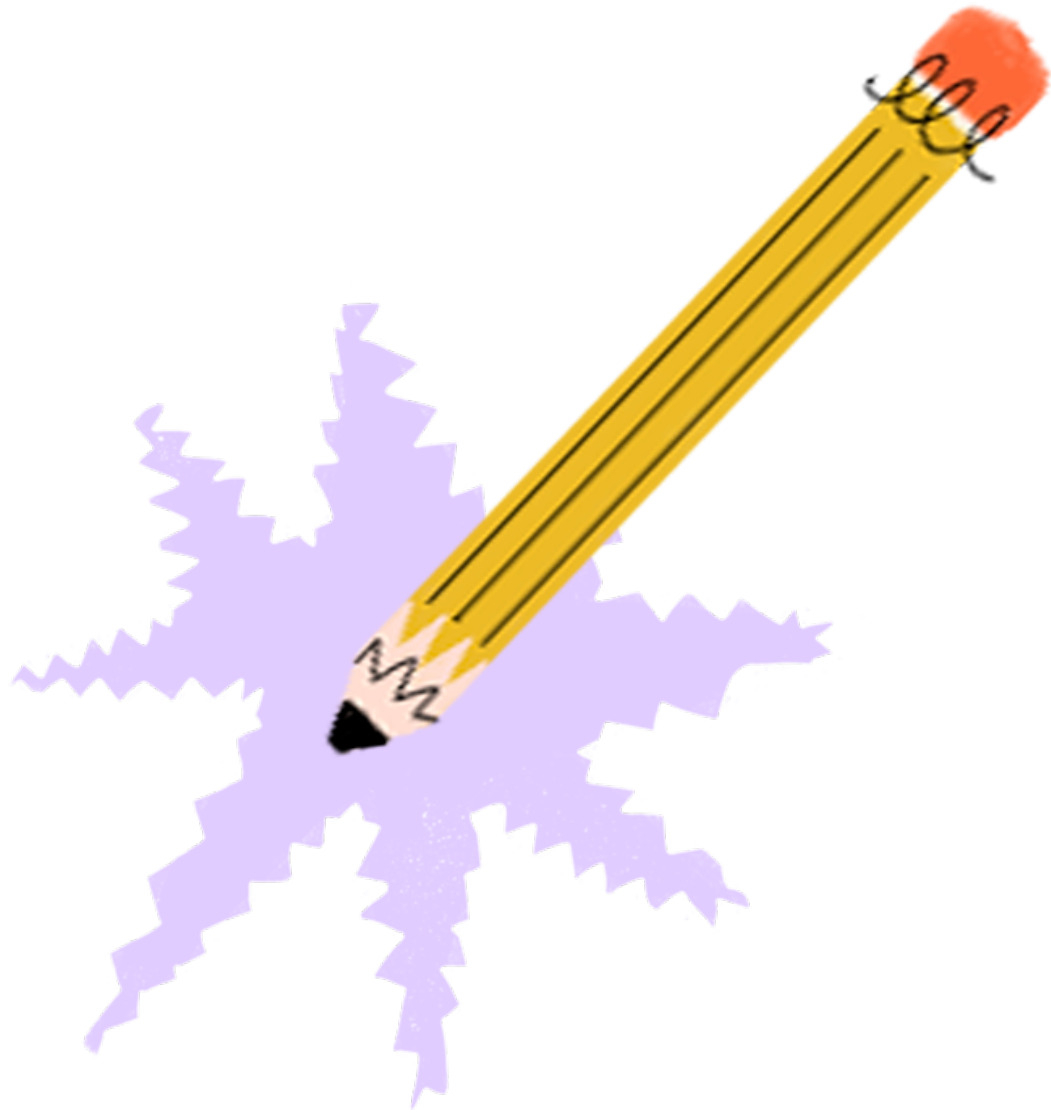
Lélia era eficiente
Descolonizando mentes
Sensação sensacional
Borba gato era racista
A gente queima tuas estátuas
Cês já nos queimaram vivas

Os meus passos vem de longe
E a África é a fonte
América defronte
Mulher preta tem de monte

Educação para as favelas
O meu povo mora nelas
Solidária economia
Igual Tereza de Benguela

Marielle é presente
Só no nosso consciente
Pois mataram nossa gente
Por trabalho competente

Veste a capa e engole o choro
Ódio movimenta o corpo
Ano passado eu morri
Mas esse ano eu não morro



Cria Ativa

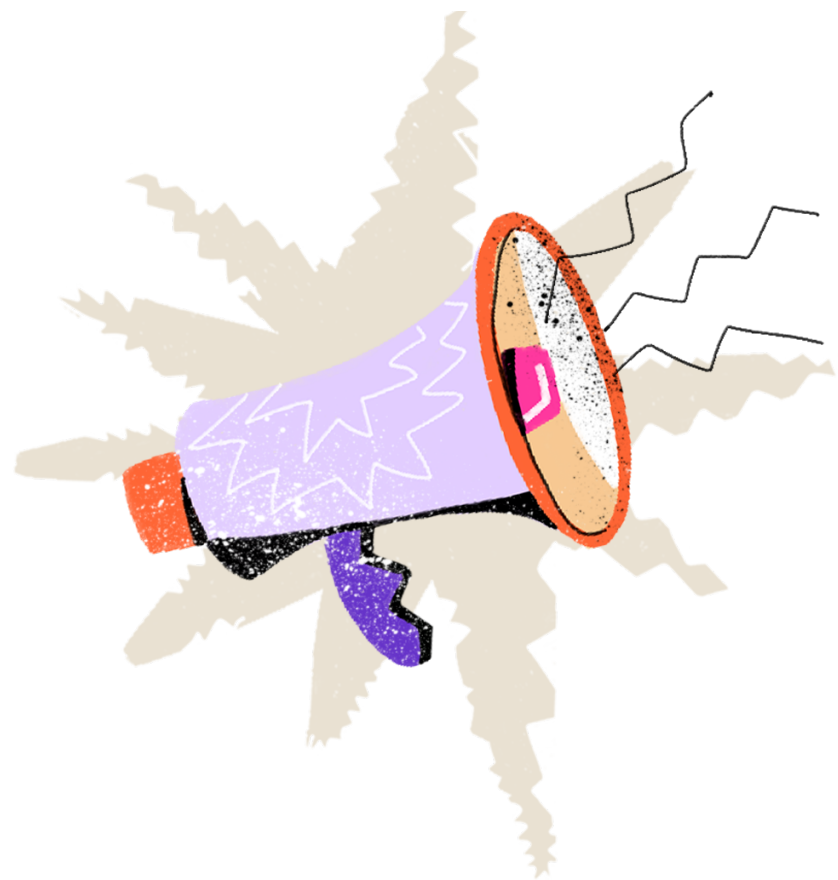
criativa não, Cria Ativa
daquelas que não se perde e não
negocia
da que sente na pele
que a oportunidade não é igual
e que faz o recorte certo
O interseccional
não entendeu?
peraí que vou te explicar
é sobre aquela coisa
homem pra mandar e mulher para
procriar
branca pra casar e preta para diarista
trans ryca vai de uber a pobre morre na
pista
branco é patrão e preto sempre ladrão
rico milionário e pobre com um salário
percebeu que é só na pele que se sente o
estrago?
lugar de fala é além do universal homem
ja dizia Carolina: "pra dirigir o País
só alguém que passou fome"

porque é só na dor do estômago
que se sente o âmago
o centro da questão
quem tem fome tem pressa
não espera do auxílio a análise

criativa não
Cria Ativa
daquelas que não se perde e não
negocia
se subo eu
sobem 10 das minhas
se tu chegou na informação não dá uma
de esquecida
lembra de onde tu veio e o que te libertou
do olhar colonizado, da mentira do
Estado e da amarra do opressor
Feminismo pra quem? Se tu se esconde
numa máscara
quem chegou em Wakanda que se
lembre da diáspora

criativa não cria Ativa
daquelas que não se perde e não
negocia
as rosas da resistência nascem no asfalto
no meio do concreto sem água, sem solo
fertil de fato um manifesto Que tu chama
de dejetos Mas se eu broto até na via não
serei interrompida por um cidadão que
não sabe ouvir a posição

de uma mulher ELEITA PRESIDENTE DA
COMISSÃO
assassinada por quem não atura
Mulheres negras movendo as estruturas
Vou te fazer uma pergunta e que não seja
a esmo
QUEM MANDOU MATAR MARIELLE?
QUEM TEM MEDO DO FEMINISMO NEGRO?



Eugenia Brasileira

Estudando a história do Brasil
Achei um grande Marco civilizatório
1934
todas as crianças podem estudar
Mas
educação eugênica
em primeiro lugar
e educação física
para um esbelto padrão formar
Um achado de 1936 relatava
A raça branca é mais inteligente
e civilizada
Enquanto a amarela
só a inteligência abarcava
Já a negra
todas as precedentes lhe faltava
Terminei esse texto engolindo a seco

essa lapada
Como pode?
Esse era um texto trabalhado em sala
Doutrinação
racismo
com teoria embasada
Segregação
morte do povo preto
genocídio assistido
Com a desculpa
de que geneticamente
foram escolhidos
eram melhores
mais saudáveis
e mais bonitos
Talvez agora dê pra entender
Porque preto é feio

no inconsciente coletivo
CCBE
Comissão Central Brasileira de Eugenia
Eles tinham até organização
Pra comandar patifaria
Pessoa branca sangue bom
Propenso a civilização
Pessoa preta sangue ruim
Propenso a ser ladrão
Um monte de artista
Era eugenista
e passaram em branco
Monteiro Lobato era um e a sociedade
inteira passando pano
Quem aí se lembra da única personagem
negra Anastácia?
Ou tu acha que a iconsciência infantil
jamais seria afetada?
A mulher negra sempre no lugar de
subordinação
Nunca se esqueça que imaginação
literária
É imagem em ação
Minha imagem na ação
Sempre na submissão
É que no consciente coletivo
Lugar de preto é no chão

Deu para fazer a ligação? O plano
era fazer os pretos morrerem de fome
Vamo abandonar ao léu
E desinteressar casamento que esse povo
some
Tua política de embranquecimento não
deu com os burros n'água
Mas exterminar de vez os pretos
foi tentativa frustrada
Vocês são mentirosos mas estamos
contando a história certa
De 2012 para cá 19 milhões se
autodeclara preto
e a identidade atesta
Tá ficando ruim pra vocês
A revolução tá só começando
A gente tá se encontrando
Tá se lendo
Se organizando
Conceição Evaristo
Lélia González
Joice Berth
Djamila Ribeiro
A gente vai escurecer tudo
E aí vocês vão ver
Todo mundo lendo pretos



VAN CERROQUEIRA



Filhxs de Ninguém

Aniquilados pelo estado que autoriza a
nossa morte
Ressurgimos como fênix das cinzas, pois
nós somos fortes!
Corpos marcados, violados por olhares
tortos
Crucificados em nome da fé,
Até os nossos pais nos rejeitam!

Nós, somos os irmãos de ninguém!
Os filhos de ninguém.
Fomos banidos até do ébano
Pelos centrados em seu centro hétero.

De uma a cada dezenove horas um LGBT
é morto no Brasil.
Marielle Franco, presente! Matheusa,

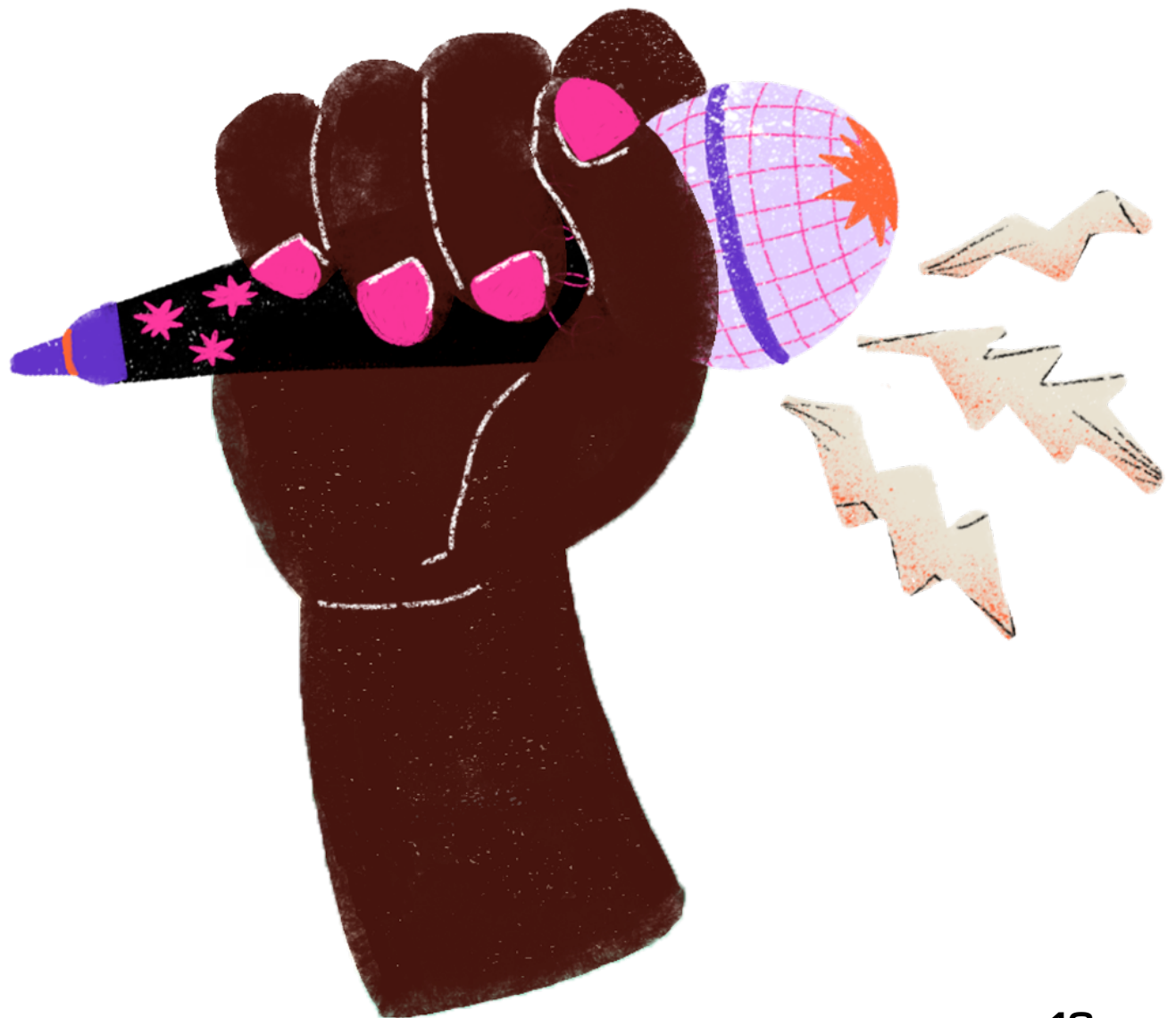
presente! Luana Barbosa, presente!
Teu Nascimento, presente! Dandara,
presente!
Diz aí favela, quantos pretos gays tem na
sua quebrada?
Quantas gargalhadas vocês dão quando
ele passa?
A cada palavra mal dita, ceifa as nossas
vidas, nossas almas.

Se eu fosse pessoa, fosse pessoa!
Jamais iria passar na rua e ouvir um
macho olhar para o outro e dizer: isso é
culpa sua!

É assim que o estupro corretivo acontece,
Duas moças de mãos dadas

E os machos com o falo prestes a atirar!
Para nos corrigir, violar, matar.
Como se fossemos coisas,
Algo a ser destruído.

Quantas vezes eu vou ter que gritar
Que ser revolução e resistência é além de
ser mulher preta-favelada
É ser sapatão sim, marcada!
Favela, escuta!
Sapatão, viado, bi, trans, travesti não é
bagunça!



500 de Brasil

500 anos de Brasil
E tudo por aqui continua o mesmo.
O rei dos gados, montado no cavalo
regendo os jegues.
Filhos da peste!
Sementes podres do colonizador.

Aqui tudo me revolta
A esperança se foi
Será que vamos abater os bois?

A notícia é falsificada
A educação sucateada
A saúde saqueada
A segurança apenas branca.

Maldita hora em que o maldito Cabral

instituiu as leis, os reis, a fé cristã imposta!
Sou inimiga dos racistas.

A minha existência não é aventura
É uma ameaça
Aqui não sou feliz.
Sou inimiga dos racistas!

Esse lugar nunca me pertenceu.
Aqui não tenho nada, nem paz
Nem fé
Nem deus
Porque sou inimiga dos feminicidas!

Ginástica é correria para pegar o metrô
lotado
Comer todo dia é raro

Segurança só para quem tem carro
Pé descalço é alvo!
Bala cravada no centro do peito do
moleque do gueto.
Sou inimiga dos nazistas!

Caravela à vista!
Armados e engatilhados para nos ferir.
Irmão pretos junto aos porcos
Com a cabeça branca
Vestiram a carapuça.
São também vítimas?

Bala cravada no centro do peito da
menina do gueto
Do homem do gueto
Da mulher do gueto
E não é o de Varsóvia!
O gueto aqui continua sangrando
Dona Maria continua chorando
Dia após dia.

O helicóptero aqui passando
Do alto mirando em mim
Vão atirar de novo!
Vão atirar de novo!
Ouço gritos e não vejo mais nada...

A quebrada chora mais um caso
acidental de tiro fatal.
E no condomínio continua tudo em paz!
Tudo branco e em paz.



Geracional

Geração oprimida, reprimida, perdida.
Comendo cérebros nas redes como zumbis
Sem afeto
Sem teto
Emprego, sem grana!
Cancelando por divergência teórica e por querela até os próprios irmãos.
Qual o nosso plano de emancipação?
Se apegando a textão, tweet, like
E esquecendo da grande revolução: a ancestralidade, o livro e a caneta na mão.

Vidrados dando audiência aos senhores de engenho donos do novo tráfico: o midiático.
Reduzir tudo em três letras é jogar quinhentos anos de luta fora!
Pretos brigando entre si, é palco para racista nazista.
Aqui tá tipo Os Bruzundangas de Lima

Barreto,
A política é cômica e a ignorância gera voto e entretenimento.

É O Dilema das Redes!
Os dedos deslizam na timeline
Enquanto o time passa ligeiro e você perde o dia inteiro.
Sobrevivendo ao like, a lama, a trama de uma vida em chamas
Onde o quadrado todo é branco.

Criamos um mundo paralelo, cibernético.
Para esquecer da realidade ou para fugir da verdade?
Não, não irmãos! Não podemos esquecer da chacina do cabula
E das irmãs pretas que continuam em prantos
Por cada Negro Drama assassinado pelo estado

Cada mãe nossa sem um abraço, laço,
amor...

Nós contra nós e a KKK rindo como
hienas.

Precisamos das Dora Milajes e dos
Panteras Negras saindo das telas e da
ficção,

Partindo para ação, porque Malcom X tá
em prantos vendo o tanto de ódio entre
os manos.

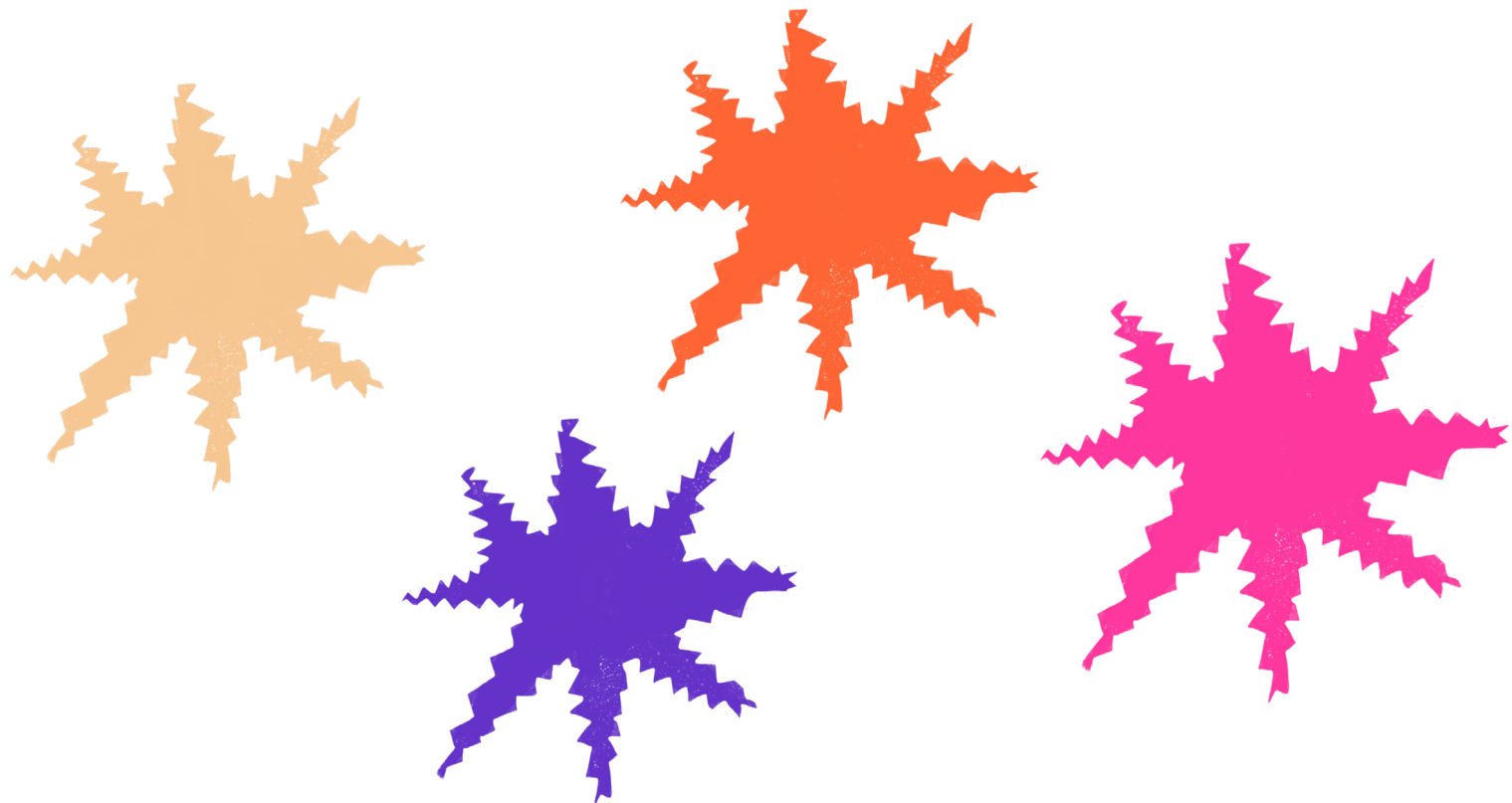
Passar pano não é a ideia, mas
linchamento é uma prática racista.

O caráter não tem cor, sabemos. Mas o
ódio tem!

E Quando um de nós tomba, todos nós
tombamos.



**Ela não
elogia mais
os meus
poemas**



Ela não elogia mais os meus poemas.
Nem os lê em meus olhos
Nem deita em meus braços.

Ela não elogia mais os meus poemas.
Nem acaricia os meus cabelos crespos
Nem toca a minha pele.

Ela não elogia mais os meus poemas!
Porque não está aqui.
Posso sentir teu corpo em noites frias
Sua presença quando choro,
Mas ela não está aqui.

Ela não elogia mais os meus poemas,
Porque a tiraram de mim
Com o falo-mortal-patriarcal
Levaram-na.

Ela não elogia mais os meus poemas,
Porque amava outra mulher.

A lágrima que jorra agora é de sangue!
A minha flor não desabrochará nesta
manhã.

Extermínio Deliberado

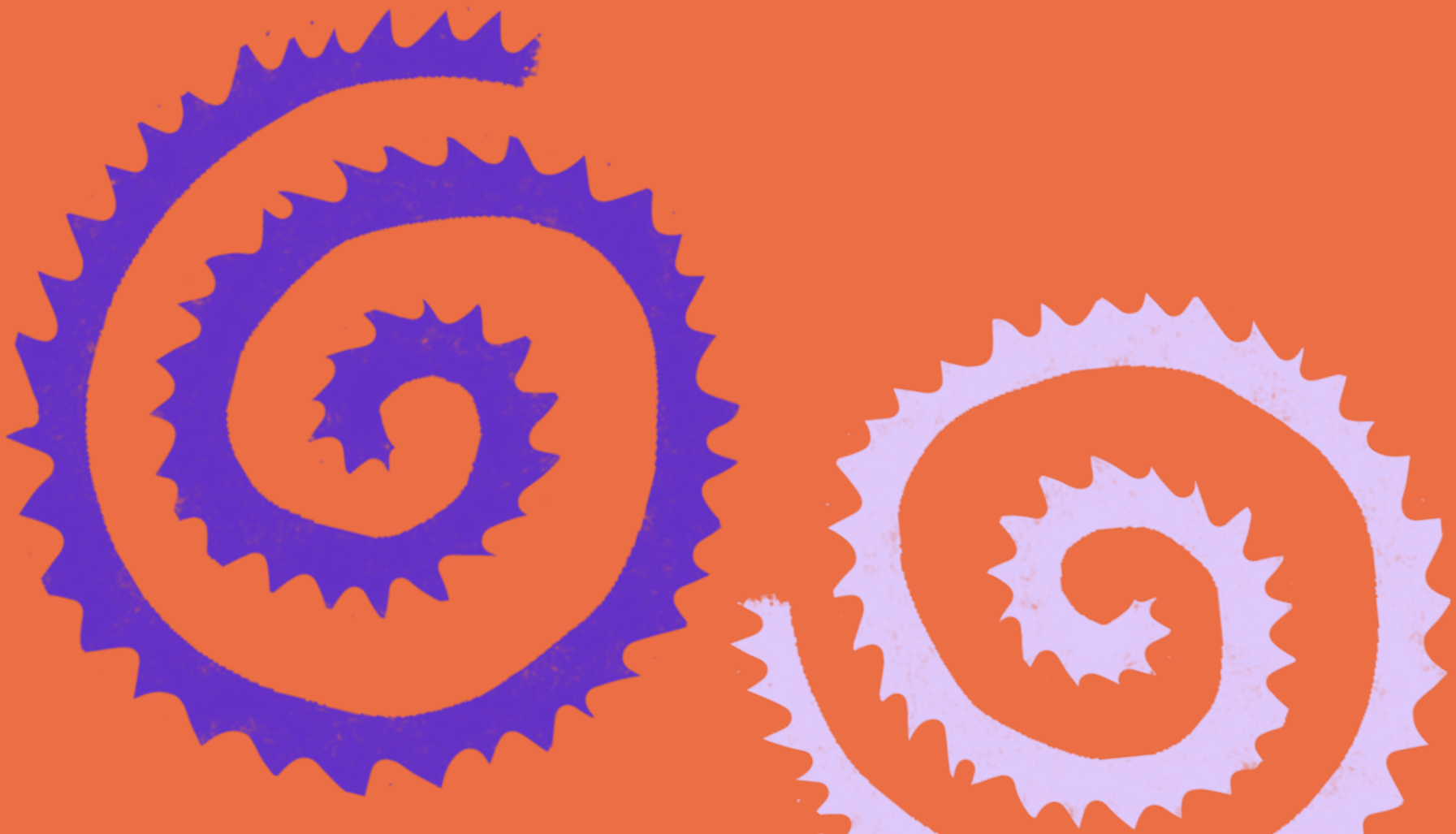
Bebeu daquela vez com se fosse a última
Rio aquele riso como se fosse o único
E foi subindo morro com seu passo tímido
Para beijar sua mulher como se fosse a
única
Seu passo interrompido por barulhos
secos
Seu sangue escorrendo como se fosse
lágrimas
Morreu na encruzilhada atrapalhando o
tráfego
E agonizou no meio da encosta pública
Bebemos daquela vez com se fosse a
última
Rimos aquele riso como se fosse o único
E agonizamos no meio da encosta
pública

Mais uma vez morremos pelas mãos do
estado
Que deu o seu caso como encerrado
Antes mesmo de ser solucionado
Morremos mais uma vez sem resposta
alguma
Morreu na encruzilhada atrapalhando o
tráfego
E agonizou no meio da encosta pública
E flutuou no ar como se fosse uma pena
E foi ao chão como se fosse um nada
E as balas perfuraram até a sua alma
E terminou de morrer nos braços do seu
irmão primeiro
E agonizamos em meio a rua pública
E toda vizinhança se tornou muda
Ouvindo o barulho dos tiros secos

Acordamos em meio a algazarra feita
E na aurora morremos todos juntos
E todos flutuamos como se fôssemos
pena
Com uma dor de punhal cravado na alma
Morremos dessa vez como se fosse a
única
Pelas mães pretas que choram lágrimas
de sangue
Pelas famílias pretas que morrem todos os
dias
E pela juventude negra que a esperança
aflora e as ervas-daninha tentam ceifar
Pelo povo preto
Reaja



SOBRE AS AUTORAS





Carmen Kemoly

Natural de Timon (MA), que faz fronteira com Teresina, capital do Piauí, Carmen Kemoly é jornalista (UESPI), rapper, poeta e realizadora audiovisual. Mestre em Comunicação e Cultura (UFRJ) e Doutoranda em Estudos Étnicos e Africanos (UFBA). Colaboradora da Plataforma Ocorre Diário. Dirigiu e roteirizou o curta 'Esperança 1770' (2019). Em 2019 também lança o EP de rap 'KARMA' e clipes no YouTube.



Jessica Preta

Natural de Abreu e Lima, Educadora e Comunicadora Social, poetisa marginal, Conselheira da Cultura Afro Brasileira em Campina Grande, Coordenadora geral do projeto social Batalha do Pedregal e do Projeto Slam na escola, organizadora do slam viral, do slam da balbúrdia e idealizadora do Slam das Pretas no Espaço Lusófono. trabalhou desde pequena no comércio popular, junto com sua família. Desde muito nova já precisou conciliar estudos e tarefas, de maneira que sua veia artística se manifestou efetivamente através da poesia marginal, em 2018. A partir do cenário da arte e cultura, Jéssica passou a se dedicar aos estudos de raça e gênero, buscando cada vez mais informações que auxiliassem tanto na denúncia quanto na compreensão da estrutura racista e misógina que se faz presente a tanto tempo no Brasil. Nesse sentido, a poesia virou arma de guerra e a partir desse trabalho, nasceu o Slam da Batalha do Pedregal, lugar de acolhimento e resistência.



Van Cerqueira

Vanessa Cerqueira é mulher negro-lésbica, poeta, slammer e professora. Atua na luta antirracista por meio da educação, cultura e arte. É integrante da Associação Artístico-cultural Odeart. É uma das poetas que integra a antologia poética "O diferencial da favela dos contos às poesias de quebrada" (Sarau da Onça, 2019) e campeã do Slam Pandemia Poética. É mestranda em Leitura, Literatura e Cultura na Universidade do Estado da Bahia (UNEB).



PRE FACE

Slam Insubmisso 2021 - Authors from the Northeast Special Edition is the materialization of another partnership between Diálogos Insubmissos de Mulheres Negras (Black Women's Insubmissive Dialogues, BA) and Rosa Luxemburgo Foundation (Brazil and Paraguay) in order to foster and disseminate the scientific production produced by Black women from Brazil to the world. The initiative was a space for welcoming and strengthening among intellectual Black women from the Northeast of Brazil who are artists of the word. That space emphasized the need to build connections and dialogues among ourselves and with the world. Differently from western narratives, which insist on the idea that there are dissidences between orality and writing

through the maintenance of antagonistic binarisms as a single way of expression. Here, we depart from the idea that such expressions reverberate the artistic potential where **body-voice-writing** are amalgamated, dance, converse and, above all, *mobilize our interseccional sensibilities*.

We start from the understanding that there is no separation between testimonies, be it written or oral. Every testimony is, above all, a human testimony and, therefore, both should be valued from the perspective of coexistence. In this direction, we present this bilingual anthology that brings together the poetry of the finalists of **Slam Insubmisso 2021**: Carmen Kemoly (Maranhão), Jessica Preta (Pernambuco) and Van Cerqueira (Bahia), whose texts suggest, create and problematize some issues that permeate our daily lives. Through their poetics they contribute to reaffirm how *Slam* is a very diverse, complex and pulsating genre.

We notice that the diversity of the poems help to demystify the simplistic idea that the contents addressed are limited to themes that refer to violence, prejudice

and stereotypes, although these are also some of the themes presented in the texts. The poems articulate deep reflections on the social context of a present-day Brazil, which is still immersed in the COVID-19 pandemic. Some poets, using Lélia Gonzalez's *pretuguês*, express their subjective experiences as Black women from the Northeast, talk about love between *sapatonas*, discuss the violence of existing in a racist country that kills black bodies on a daily basis, and invoke the Brazilian intellectuals-ancestors to guide the paths of their insubmission.

We also highlight issues that point to the importance of *self-definition* and the reaffirmation of an aesthetic diversity that excels in first-person narratives, which is an important factor that favors re-signification processes and also introduces new narratives for Brazilian Contemporary Literature, thus, enriching spaces for dialogues and multiple perspectives.

Regarding the translation of the poems from Brazilian Portuguese to English, we consider this a way to echo the poets' voices so that they do not remain

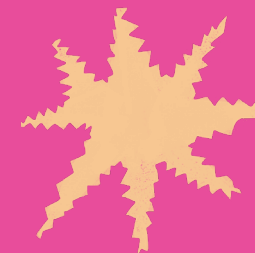
contained within the limits of Portuguese, understanding that language should not separate us, as the African American intellectual Geri Augusto suggests. The pleasurable challenge of doing this work, which is more than an exercise of translation from one language to another, was the possibility of establishing a subjective dialogue with each one of the authors, as well as an interesting exercise of translation choices.

A challenging exercise, because throughout the process the constant questioning was about how to translate the insubmission of Black women into the English language without distancing from the essence and subjectivities of Black women from the Northeast trying to respect the limits between one language and another. But, at the same time, it was pleasurable because it was a cathartic reading exercise that gave us the opportunity to express our creativity to play with the words, rhythms, nuances, provocations, and sensations that the poems evoke. In this sense, in order to establish a dialogue with the Black translation practice initiated by Bruna Barros and Jess Oliveira¹, in one of the

poems the words **bicha** and **sapatão** are kept in Portuguese as a strategy to make the political identities of non-heterosexual and non heteronormative bodies and subjectivities more transnational. This is a way to reduce the isolation that colonial languages imposed on such communities. It is also possible to observe that sometimes *ain't*, a term from Black English, is used in negative sentences in order to establish a connection with the linguistic insubmission presented in some poems which do not follow the formal and whitewashed standards of the Portuguese language.

Lastly, this publication is the result of intellectual, artistic, academic and editorial efforts and also an opportunity for insurgence that is written in the literary field as an act of insubmission. We all understand the struggle to materialize a publication in such a nefarious time which reproduces violence against Black people in Brazil, especially in the field of Literature. So, enjoy yourself and listen to the many voices that intertwine each line of the poems that constitute this work.

¹ Bruna Barros and Jess Oliveira. 2020. "Black Sapatão Translation Practices: Healing Ourselves a Word Choice at a Time". *Caribbean Review of Gender Studies*, v. 14: 43–52). Available at: <https://sta.uwi.edu/crgs/december2020/documents/CRGS_14_Pgs43-52_Barros_Oliveira_BlackSapataoTranslationPractices-final.pdf>



Ayala Tude

Translator. Master's student in Literature and Culture with focus on Cultural and Intersemiotic Translation - UFBA. Member and associate researcher of the group Traduzindo no Atlântico Negro [Translating in the Black Atlantic]. Founder of Afro Diaspora Connect. International communication coordinator at Diálogos Insubmissos de Mulheres Negras.



Dayse Sacramento

Black woman from Salvador, Portuguese teacher at UFBA, PhD student in Literature and Culture - UFBA, Cultural Producer and idealizer of Literary Platform Diálogos Insubmissos de Mulheres Negras and Publisher Diálogos Insubmissos.



Manoela Barbosa

Sertaneja de Jequié-BA, educator and researcher, philosopher, master in Cultural Criticism and doctoral student in Literature and Reception. She is a member of Diálogos Insubmissos de Mulheres Negras team.



IN- DEX

INTRODUCTION 60

CARMEN KEMOLY 62

Atlantic 63

Sleepless Poetry 66

Pandemonium 70

JESSICA PRETA 74

Summonings 75

Pull out of the corner 76

Statistics 79

Delacruz 81

Lélia González 83

Creator and Active 86

Brazilian Eugeny 88

VAN CERQUEIRA 91

Childrxn of no one 92

Brazil 500 94

Generational 96

She doesn't praise my
poems anymore 98

Deliberate Extermination 100

ABOUT THE AUTHORS 102

INTRO DUCTI ON



Stella Carvalho

Among the rivers that are born in the non-submissive tears of Black women and which flow in the seas of insurgent dialogues to disrupt the unjust sleep of the great house, there are agreements and convergences that are propitious and astonished to the great living exuberance. Spoken and continuous poetry in our conglomerated particles and unrestrained *escrevivências*².

We write about things that have long

been silenced and not experienced. We proclaim the urge that refuses to calm down and says: feel it! We invite, through our mouth, body, word and teeth, to what life proposes. An invitation to what takes us back the mimicry that has been challenged from the womb, interpreted as dissidents, and intercalated in every living being.

We are welcomed to honor what we are. Being in community, with songs and harmony. It reverberates on me when it says to you: poetry. A culminating record dismantled in memories, because even when I am no longer able to remember anything, I search and create. We create. Enchantment. We combine the oblivion that accesses our sensibility to think and maximize the crossroads when we communicate. Yet, we cooperate with the schism and enclosure of what may be an ending to us, and then turn death into a metamorphosis. In bold timbers and gathering the sonnets of many of us, we write the silent agreement.

An oral *ebó*³ offered by many to several others. Whenever everything that has been denied to us in this pandemonium leads us to war, we will open a protection enchantment against the white submissions with our sleepless poetry. Say it again. Whenever everything that has been denied to us in this pandemonium leads us to war, we will open a protection enchantment against the white submissions with our sleepless poetry. An insipid and uncertain summoning taken from the corners and narrated by the children of no one so that our memory can be generated. While the top pushes us away from our ability to exist in the ground, the foundations provide us the maintenance of life. We are the roots, and we will be the seeds to the leafy trees we used to be. We will cultivate unspeakable and nauseating experiments with our screaming.

²T.N.: *Escrevivência* is a concept coined by the intellectual and Literature writer Conceição Evaristo. The term comes from the words "writing" and "experience", but the idea goes far beyond and points to different dimensions: a writing marked by the experience of Black women and Black individuals, and for this reason it is a writing that not limited to itself, but one that deepens, widens and embraces the experiences of a collectivity.

³T.N.: A sacred offering to worship the orishas.



CARMEN KEMOLY



Atlantic

Every time I give a step
The world changes its position
Every time I give a Black step
White history comes to confront me
To challenge me and try to rule me
Every time I try to break this chain
Eurocentric writing appears to break me
down
To disrupt my balance, doubt me, to try to
format, shape, and deceive me
Like a stone wall that divides good and
evil
It comes with all strength to try to confuse
me
My deceived homeboys repeat and try to
reproduce it.
Me? I'm outta this! I'm on the other side, I
wanna see the finish line!
Because I come from the Northeast of

Brazil
And I've seen the magnitude of that Rio
de Janeiro
Going up and down the stairs from Grajaú
Thousand flecks of life that you can't see
from the south zone
On the subway you start feeling it
On the bus you confirm the impression
But it's on the train that the black people
from Baixada are certain that slavery
remains
Beatriz Nascimento once said
"Pay attention to the Brazilian diaspora
that comes to the Southeast
From the North and Northeast"
They crossed the Black Atlantic, they
didn't come for appraisal
They built this country through the sea,
plantations, textile industry, metallurgy



POSTA POSTA IN SUBMISSA

But they were not on the spotlight
At night, they still go to the hoods
And fight for better days
So, watch out fellow, 'cuz our squad is
tough!
Esperança Garcia an enslaved Black
woman from Piauí.
Even the Bar Association is willing to
officialize
Our first Brazilian lawyer
Her 1770 letter
Would be a denouncement as Marielle
Franco did in the council
Our Black and indigenous women have
been an ally for more than a thousand

years
If you doubt it, ask the Juremas and
Jussaras!
If you wish to go deeper in history, speak
about warriors Aqualtune and Dandara!
But don't you forget Lélia Gonzalez with
her Aquarius sun sign
And the notion of Amefricanity she
proposed in 1988.
Don't forget Sueli Carneiro
Who keeps speaking up and tumbling
down the internet together with Djamila
Ribeiro
It's fiery discourse, narrative from the
ghetto

Together with the slam and freestyle
battles
Spread across Brazil
So, tell me! If we have no political project
in favor of this country
Forged in the struggle of women's wombs
There ain't no princess Isabel, a slave
redeemer, an empress...
Our discussion is way ahead
It no longer fits 'em doctoral dissertation
We are united to take down the nation
All nations in the African diaspora
Black Block in the wrong direction of y'all
fake left-wing opposition
Going beyond Dalai Lama's love speech
We are fueled by rage
We will turnaround in rebel grief
And make a new Africa rise in Brazil, which
I must say
Ain't Western
And may it never come here again
through the vessels of Pedro Álvares Lethal
This time it will be inspired by the Pan-
Africanism of Amilcar Cabral
There ain't be no mercy, we gon' laugh
at face of 'em racist and then punch 'em
cops in the face

And then we will ask
Who are the ones who have animal
instinct here?



Sleepless Poetry



I ask for permission
'Cuz Black poetry is sacred
They try and try to imitate us
But the real ones stay woke
Decolonized minds
We've lost our patience
Black women in the power
We hit this beat
Unceasingly on the run, destroying the
chains
Of the bodies and minds
Escaping from the serpents!
I came from Timon, I devastated Teresina
Where umbanda rules and there is terecô
and enchantment
Seeing my Black folks with a healthy mind
And protecting their spirits from this brutal
system
Enough of our folks being confused with
criminals
Kinky and dreadlocked hair ain't
suspicious, it is our strength, it's beautiful!
It's beautiful, it means struggle and we
won't stop
You despicable racist, swallow it, you gon'
have to put up with us
We will speak out everywhere, we will aim
and I will have to attack

If racism is structural, our goal is to take it
down!
Because some days...
Some days poetry causes me
A fucking insomnia
Like an agony, a disruption, an erratic trip
I try not to blame it
I tried to come up with other names, but I
couldn't find other synonyms
It was her!
The goddam poetry
It would not leave me alone
And I would go...
I was certain!
Today I will do it
I'll calmly sleep
But it kept coming, powerful, raging
And I would scream and expurgate... Now
poetry!
And it came out, short, like an evil
Oh, blessed poetry...
It came out miraculously perfect
In the dark, during the mid-yellow light
Complete
I would go...
Breathing...
Let us lay down on this cloud called...
agony!

And it wouldn't leave me, it would keep
me up
Paper and pen, it disturbed me
I was certain
Words would come pouring
And then repeat
Smoothly recite
Slow down, ease
And for a moment
For one flickering moment
United
It was poetry and I
Poetry and I
I... was all made of poetry!
And they even yelled at me "you ugly
negress"
I paid a lot of attention
I knew I was Black
Though I did not understand my mission
Big mouth
And large nose
I heard that all quietly as I did not know
my route
I kept persisting
And giving my best
I was not white
Jambo color, even worse!
I identified with my people

I learned about my skin color
I was Black indeed
I owed nothing to 'em intellectuals
I walked into alleys, hoods, and lanes
I didn't have to go far 'cuz I was already
into them
I screamed so everyone could hear
I'm gonna reveal myself
I ain't Europe
My homeland is Africa!
Kinky hair and very dark skin
From Custódia to Pedrinha everybody is
from the streets
What y'all wanna hear? That our rap is
bougie, that our funk is boasting?
Who are the ones who have all the scars
from slavery tattooed on their faces
showing?
In the construction, a servant
In the fields of ceramics and clay, we are
still the charcoal burners
In the plantations, sugar cane crops aren't
over
In the latifundium, slave labor grants your
profit! Pure horror...
Our strength was and still is the cheapest
in the market
The diploma of life says we have failed

But they got it wrong... when they said we
would be hushed
'cuz we are on the same side on this
barricade
And our side is side by side with our sisters
Black women breaking all the standards
There will be no more drug dealers or
minors as mules going on
Black people on stage portraying the
value of the swag!



Pande monium

At this point
There ain't nobody foolish around here,
No one will escape!
You gotta understand that a hashtag is
far from being a solid struggle, goddam...
It's just a strategy
Of course black lives MATTER
They are the ones who came here
EXPORTED
To build this very country for free!
Being compared to a monkey
The payment we got from this nation
Its name is Brazil and surname Sham
But nobody would expect
Staying home is the law now
Even if there is no running water or not one
single penny in your pocket

They say we are lazy
Your president confuses the discourses
Hood workers gotta go out to work
"But Sir we are facing a pandemic similar
to those 10 plagues in the Bible"
And then he asks: are you the one who's
gonna provide for me?
We've been tired of waiting for the family
income
That takes a lifetime to come
Waiting for it to be a moment of
DISRUPTION
That History comes to prophecy
They are claiming for Bolsonaro's
impeachment
I don't if the option is either crying or
crying



'Cuz would be Bolsonaro out and
Mourão in
We gon'mistake the practice again
Where have we buried our radical selves
We are already being censored
Brazil was turned into a Fascist Military
Republic
Black people, let's think
It is us fighting for ourselves that has kept
us alive
From hood culture to family farms
Pay attention to this nano biotechnology
And then you tell me
Whether such virus
Ain't a project to exterminate us
But can you really fight if you are not living
in the present times?

They have taken so many lives
We scream Cláudia lives, João Pedro,
Ágatha, Marielle lives!
And while I was writing this poem
Miguel was killed by the hands of his
mother's employer, a racist and negligent
karen.
Not even the skin color of my people will
remain
To notice that those scenes are not the
scenes of a thriller movie
It is my people, it is real life
But they have never even considered us
as people, it's unbelievable!
We know our ancestors came from the
land of repente
Under the sun that was ardent

Going up the hill without insect repellent
In the woods with my body protected and
my head adjacent
For a hundred year their plan was to
exterminate the melanin of my precedents
With the miscegenation that tried to
whitewash the color of my family members
And from this sacred soil
A bond of connection will rise
With the union of the village, asphalt and
Quilombo
Our gang is formed
There will be magic, spell and
enchantment claiming for heads of 'em
evil ones
I want my gold back
And I don't mean the scraps
I am talking about a deep, full, and
complete REPARATION.



DESISICA PRESTA



Summonings

I have been doing the math
And there is something wrong
The movement is strong
Black people are coming forward
Not to mention the poor ones
But your eyes are trained to always search
for me
Where are 'em girls when it comes to
rhyming?
And I go beyond if we are gonna talk
about minorities
Where are the gay people from the
hoods?
We are short of people here
It won't go unannounced
It will only go with the crowd
Clutched
Embraced
Together in a state of
Uniting our pain
Can't you really understand?
Segregation is a maneuver of the state to

reduce our power
Divide, conquer have you heard this
motto?
Separation of all is the great schema
Together we become agency
Power and resistance
No one can handle it
Accept or deal with it
Speak out
Not fearing to die for what has been kept
away
It's our standpoint, dude
In this case only one
We've been fucked up by the system
The system of pain
Mistrusted but reframed by the system of
love
That is why I won't be quiet
I will scream
We're short of people here
And it's our duty to call out for them!

Pull out of the corner

Pull out of the corner
Pull out of the corner
Pull out of the corner
They can get you

Pull out of the corner
Pull out of the corner
Pull out of the corner
Only your momma will cry

It's half past midnight
And my heart flutters
Why isn't the boy coming back from the
corner?

It's half past midnight
And my heart flutters
Perhaps he is not returning today

I sent messages at ten
He said he is coming
It's half midnight and no sign of this boy

My heart flutters
And I can only think
Pull out of the corner
They can get you

I wish I had money
So I could save you
I wish I had power to take you from this
place
I wish I had a company to hire you
I wish I had power
So that mom would not cry

Trying to succeed in life
By behaving good
I can't even save myself
With this fucking behavior
It's one o'clock already
And mom hasn't slept
My heart aches
And my head is a mess

Suddenly the news
He was lying dead on the floor
They didn't arrest or warned him
They just pulled the trigger

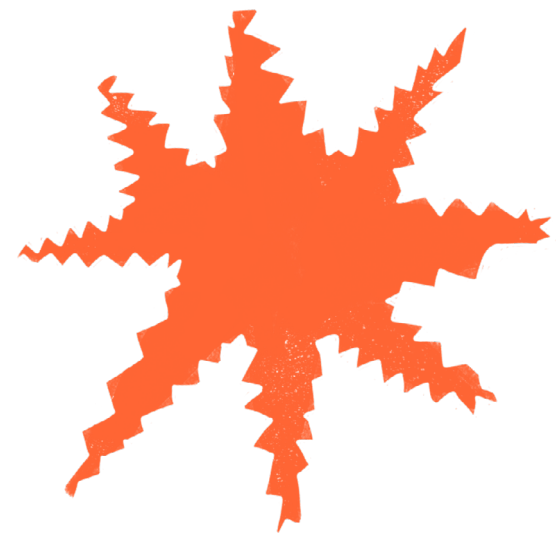
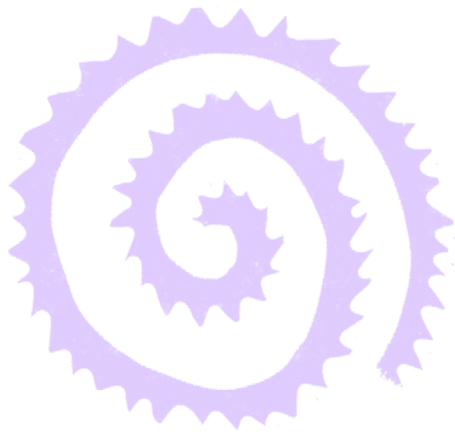
Feel the woe

The odor
Of a family in extinction

Feel the woe
The horror
Of losing another brother

I heard your voice
Calling for me in the alley
I opened my eyes and realized
it was a nightmare

Today he came home
The system did not win
But tomorrow is a different day



In the journey of despair
The boy wants to make cash
He wants dignity
a car and some food
He wants to be a real man

Now I am going to sleep 'cuz my boy is
home
But the corner is still there
To put you behind bars

No one cares about your crying
One goes and eighteen to come
While they eat meat
You've been dealing for a cookie
So listen to your sister
And come study with me
Because if you move
They might kill you

Pull out of the corner!



Statistics

9 out of 10 women I know
have already been abused
The 10th cannot remember or has not yet
realized that she was violated
This is because rape culture is so rooted
That we confuse a malicious touch with a
kind hug
Subtle touches on my leg
My breast
My skirt
Everything seems normal for those who
are used to it
They either inebriate me
Swear they love me
Or threaten me
With a knife or Instagram
I am always being attacked
I set foot in the street and the hunting
begins
Men will never understand what is like to
walk around being frightened

I set foot in the street and the hunting
begins
Like the elderly say: men are the hunters
and women are the prey
They take advantage of everything
including psychologically
They touch your body without your
permission because you are irreverent
You are too sensual
"I couldn't hold myself back
If you didn't want me to look
You would have put more cloth to hide"
Easy arguments and deceptive at the
same time
I want to know how a child could sexually
capture your eyes
You set foot home and the hunting begins
The one who should offer protection is the
threat himself
In the eyes of the hunter their niece is the
prey

10 out of 10 women I know
have already been abused
Because that one who was left
now has just been warned!



Delacruz

It hurts and I
can't breathe
rich people be stating that
the world will only be better
if they get to open fire
at those who steal some phones

After all
we are the ones who choose our destiny
and if you rather steal instead of studying
your death
really does not matter

It's beautiful
this narrative of yours
but I unfortunately know you
if we are gonna kill the thugs
then I am with you
give me your address
Bro!

Locked in a island
of food and drink
you only hit the road
to steal the welfare
your conservatism
only serves to your kids
move out of my way
before I change my mind
while you speak about this so-called
democracy
your kid is in their room smelling your
hypocrisy

a boy who has easy access to shelter,
clothing and drinks won't know what is like
working hard every day
in order to bring food to the periphery
though they are able to defend this so-
called democracy

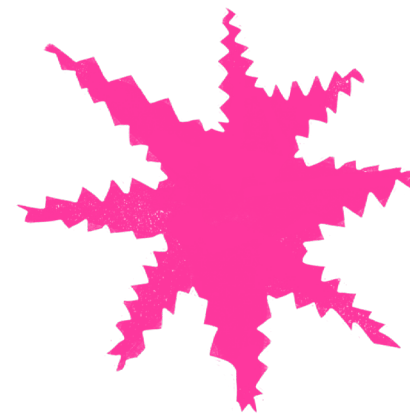
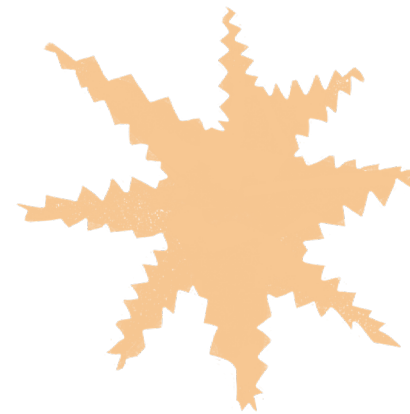
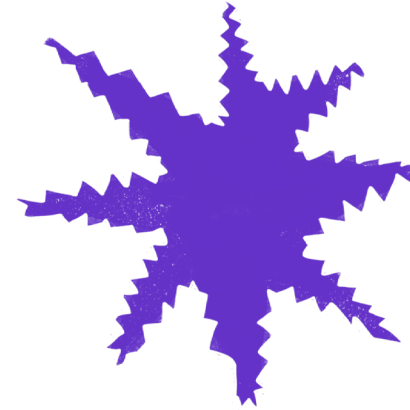
While you give speeches about society

I feel on my flesh
depression and anxiety
my friend is lost
across the corners of the city
everybody watching
but you pretend no to know
while I speak out about how much of a
coward you are
a pipe, a blow
we are losing him for crack

Delacruz my dear
I know your life isn't the way you wanted it
to be
and some days we just give in
but listen to this one who is screaming
here

I know this world is actually a journey
They left us here with no money to return
And to help us they gave us no asset
Worse than that they changed the name
we received

And despite the violence
Life is only one
My life for yours



Lélia González

When we talk about women
What comes to your memory?
Who are the women you know in history?
Have you heard of Lélia de Almeida
González?
Intellectual, politician, teacher
The one who spoke out about racism in
Brazil
And all its evil
Oshun daughter
No other woman would better represent
The feminine wisdom and power
Every struggle to be faced in life
Would be ressignified and returned into
research
About racism and sexism
She claimed for the decolonization of

knowledge
To raise raise awareness in the black
population from Brazil
So they can recover the pride to be
themselves
Outsider within
She broke down the academic gates
The endemic myths
Of racial democracy
The daughter of a black and an
indigenous person
The seventeenth daughter
Breaking with the structure
Favela creative
Not content to just write
She would put into practice
questioning representation in



environments of power
She opened the doors of the legislative
Though she was the substitute member
that was the beginning
Of black women
Acting as political agents

Nothing would set her away from her roots
She went from Philosophy to
Psychoanalysis to understand racism
She spoke out about Brazilian cultural
neurosis
Impregnated in the collective
consciousness
which rejects the image of blackness

And accepts
The inferiority of the colonized
While the colonizer
Gets to be appraised
Instead of being demonized

From analysis to dialects
Everything around
Like *Catupiry, bunda, quitanda,*
Framengo manifests
Everything tells a story
Kidnapping, pain and resistance
Pretoguês is alive
And it doesn't fit in a sentence

Founder of the Unified Black Movement
Lélia is a seed that germinates
Black woman, afro descendant from
América Ladina
She rolls different
With rap and *repente*
Lélia was efficient in
Decolonizing minds

Sensational sensation
Borba Gato was racist
We burn their statuses
'Cuz they jave burned us alive

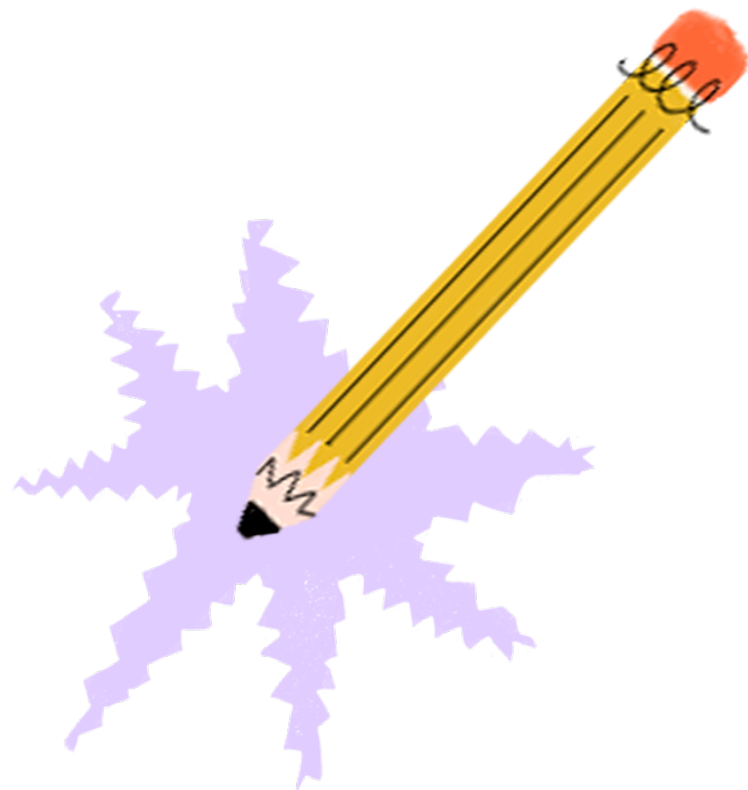
My footsteps come from distant pathways
And Africa in the fountain
Amefrica is in front
Black women are a bunch

Education for the hoods
My people inhabit them
Solidary economy
Like Tereza de Benguela

Marielle lives
Only in our conscience
Cause they killed our people

For a labor that was competent

Put on your coat and swallow your tears
Rage moves the body
Last year I died
But this year I won't



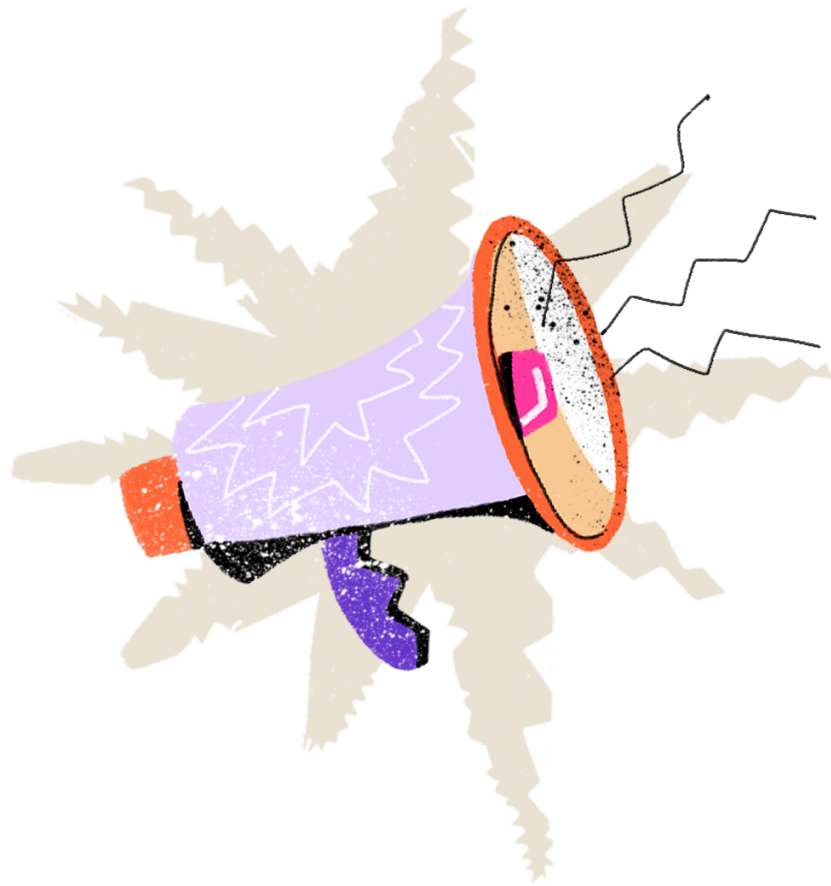
Creator and Active

More than creative, creator and active
The kind who doesn't get lost or negotiate
Those who feel right in the flesh
That the opportunity is not the same
The one who tackles the right issue
An intersectional one
Don't you get it?
I'm gonna explain y'all
It's about that thing
Men give orders and women procreate
White women to marry and the Black ones
as maid
Rich trans women getting uber and the
poor ones dying on the street
Whites are bosses and Blacks are thugs
Rich people are millionaire and the poor
ones don't even get one wage
Do you realize that you can only feel the
damage in your skin?

Standpoint goes beyond the universal
man
As Carolina used to say: "only a person
who has faced starvation
Would be able to run this country
Because it is through the pain in their
stomach

That they would be able to feel the core
The heart of the matter
Starving people won't wait
For the aid to the banalization"

More than creative
Creator and active
The kind who doesn't get lost or negotiate
If I rise up
10 of my own will rise with me
If you know the word, don't pretend you



forgot
Remember where you came from and
what set you free
from the colonized gaze, from the lies
of the State and from the ties of the
oppressor
To whom feminism serves if you are hidden
behind a mask
Those who have found Wakanda better
remember the diaspora

More than creative
Creator and active
The kind who doesn't get lost or negotiate
The roses of resistance bloom from the

asphalt
In the middle of concrete
No water, no fertile soil
Indeed a manifest
That you insist on labeling as waste
But if I speak out I will not be interrupted
By no man who
cannot listen to the positioning
of a woman who was ELECTED AS
PRESIDENT OF THE BOARD
murdered by those who cannot stand
Black women moving the structures
I am gonna ask a question and I hope it's
not odd
WHO GAVE THE ORDER TO KILL
MARIELLE?
WHO IS AFRAID OF BLACK FEMINISM?



Brazilian Eugeny

Studying the history of Brazil
I have found a big landmark
by 1934
all children could study
But
an eugenic education
In the first place
and Physical Education
to create a standard shape
Reports from 1936 would state
that the white race is more intelligent
and civilized
While yellow people
would only get the intelligence
Black otherwise
would receive all the precedents it lacked
I finished that text hit with a hard swallow

How come?
This text was studied at school
Indoctrination
Racism
with grounded theory
Segregation
Black people dying
witnessed genocide
with the excuse
that they were
genetically chosen
better
healthier
more beautiful
Maybe now you will be able to understand
why black people are ugly
in the eyes of the collective consciousness

BCCE
Brazilian Central Commission of Eugenics
they even had an organization
to run this impishness
white people have got good blood
prone to civilization
Black people have got bad blood
Prone to be thugs
A bunch of artists
were eugenicists
and got away
like Monteiro Lobato that the whole
society turns a blind eye
Who remembers Anastácia, the only Black
character?
Or do you think that children's
unconsciousness would never be
impacted?
Black women always in a subordinate
position
Don't forget that literary imagination
Means the imagery in action
My image in the action
Always in submission
'Cuz in the collective consciousness
Black people are on the edge
Can you understand the connection? The

plan was to starve Black people to death
Let us leave them to their own luck
let's not marry them so they disappear
Your attempt to whitewash us failed
Exterminating Black people
Became a frustrated attempt
You tell lies and we tell the right story
From 2012 on 19 million people have self-
identified as Black
And the identity states
Things are bad for you
As the revolution is about to start
We are connecting
Reading ourselves
Organizing ourselves
Conceição Evaristo
Lélia Gonzalez
Joice Berth
Djamila Ribeiro
We gon' make everything Black
And then you will all see
The whole world Reading Black people



VAN CERROQUEIRA



children of no one

Annihilated by the state that authorizes
our death

We rise from the ashes like a fenix
because we are strong!

Marked bodies, violated by wrong looks
Crucified in the name of faith,
Even our parents repudiate us!

We are the siblings of no one!

The children of no one.

We were even banned from the ebony
By the ones centered in their heterosexual
core.

Every nineteen hour LGBT people are killed
in Brazil.

Marielle Franco, lives! Matheusa, lives!

Luana Barbosa, lives!

Teu Nascimento, lives! Dandara, lives!

Tell me, how many Black gays are there in
your hood?

How many times have you mocked them
as they passed by?

Every misplaced word takes our lives and
souls.

If I were a person, really a person!

I would never hear a man whisper to each
other: you are the one to blame!

That is how corrective rape happens,
Two ladies holding hands

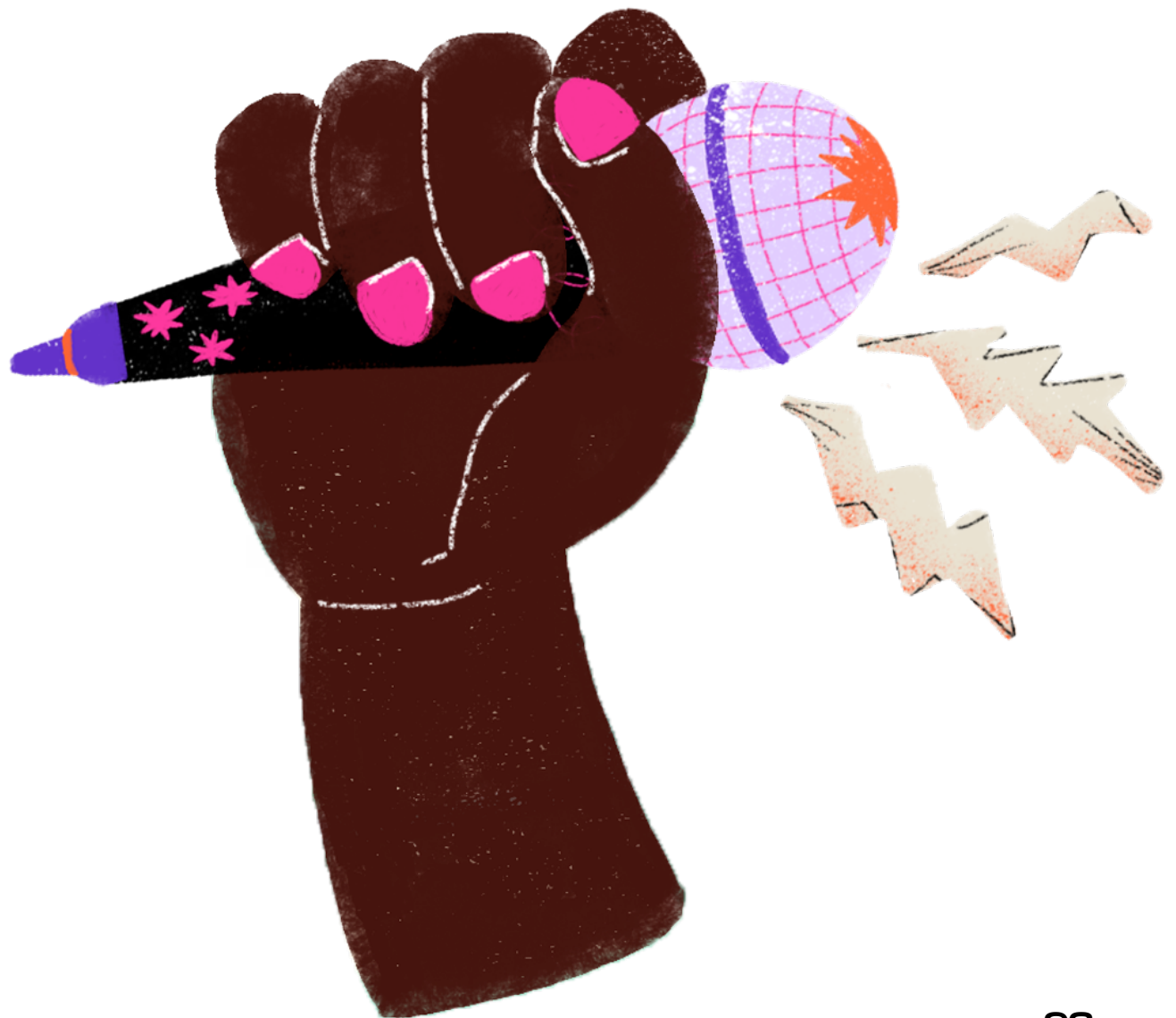
And the machos with their phalluses ready
to shoot!

To correct, violate, kill us.

As if we were things,

Something to be destroyed.

How many times will I have to scream
That revolution is resistance beyond being
a hood Black woman
It's being sapatão, being marked!
Listen, favela!
Sapatão, faggot, bi, trans and travestis
are no joke!



Brazil 500

500 years of Brazil
And everything continues the same here
The king of the cattle riding his horse and
leading the donkeys.
Bastards!
The rotten seeds of the colonizer.

Everything makes me angry
Hope is gone
Are we gonna kill the oxen?

The news is fake
Education is scrapped
Health is looted
Safety is only white.

I curse the time damn Cabral passed

laws, kings, the imposed Christian faith.
I am an enemy of the racists.

My existence is no adventure
It is a threat
I am not happy here.
I am an enemy of the racists!

I have never belonged to this place.
I have nothing here, no peace
No faith
Nor God
Because I am an enemy of femicides!

Exercising means rushing to get the
crowded subway
Eating daily is rare

Safety just for those who own a car
Barefoot is the target!
A bullet stuck in the middle of the ghetto
boy's chest.
I am an enemy of the nazis!

Caravel ahoy!
They are armed and ready to hurt us.
Black comrades together with pigs
White minds
They have put on the shoes.
Are they victims too?

A bullet stuck in the middle of the ghetto
girl's chest
The ghetto man
The ghetto woman
And it's not Varsóvia!
The ghetto keeps bleeding here
Mrs. Maria keeps crying
Day after day

The helicopter is flying around
From above aiming at me
They will shoot again!
They will shoot again!

I hear screams and then I don't see
anything else...
The hood is crying over another
accidental case of fatal shooting.
In the private condos everything is still at
peace!
All white and peaceful.



Generational

Oppressed, repressed, lost generation
Eating brains on social media like zombies
No affection
No shelter
Work, no money!
Cancelling because of theoretical
disagreements and quarreling even with
your own.
What is our plan of emancipation?
Relying on texts, tweets, likes
And forgetting the big revolution: ancestry,
book, and pen in action.

Hypnotized giving audience to the
masters of the new trade: the media
Reducing everything to three letters is
throwing five hundred years of struggle
away!
Black people fighting each other is the
perfect stage for racists and nazis.
Things here are like *Os Bruzundangas* by
Lima Barreto,

Politics is comic and ignorance generates
votes and entertainment.

It is the Social Dilemma!
Fingers scrolling down the timeline
White time goes by and you waste the
entire day.
Surviving the likes, mud, the plot of a
whole life in flames
Where the square is all white.

We created a parallel cybernetic world.
To forget reality or to escape from the
truth?
No, brothers! We cannot forget Cabula
massacre
And all the Black sisters who are still crying
For every Black folk murdered by the state
Every mother who doesn't have the
chance to hug, bond, love...
Us against ourselves and the KKK laughing
like hyenas.

We need Dora Milaje and Black Panthers
coming off the screens and fiction,
Going to action, because Malcom X is
crying to see so much hatred among our
people.

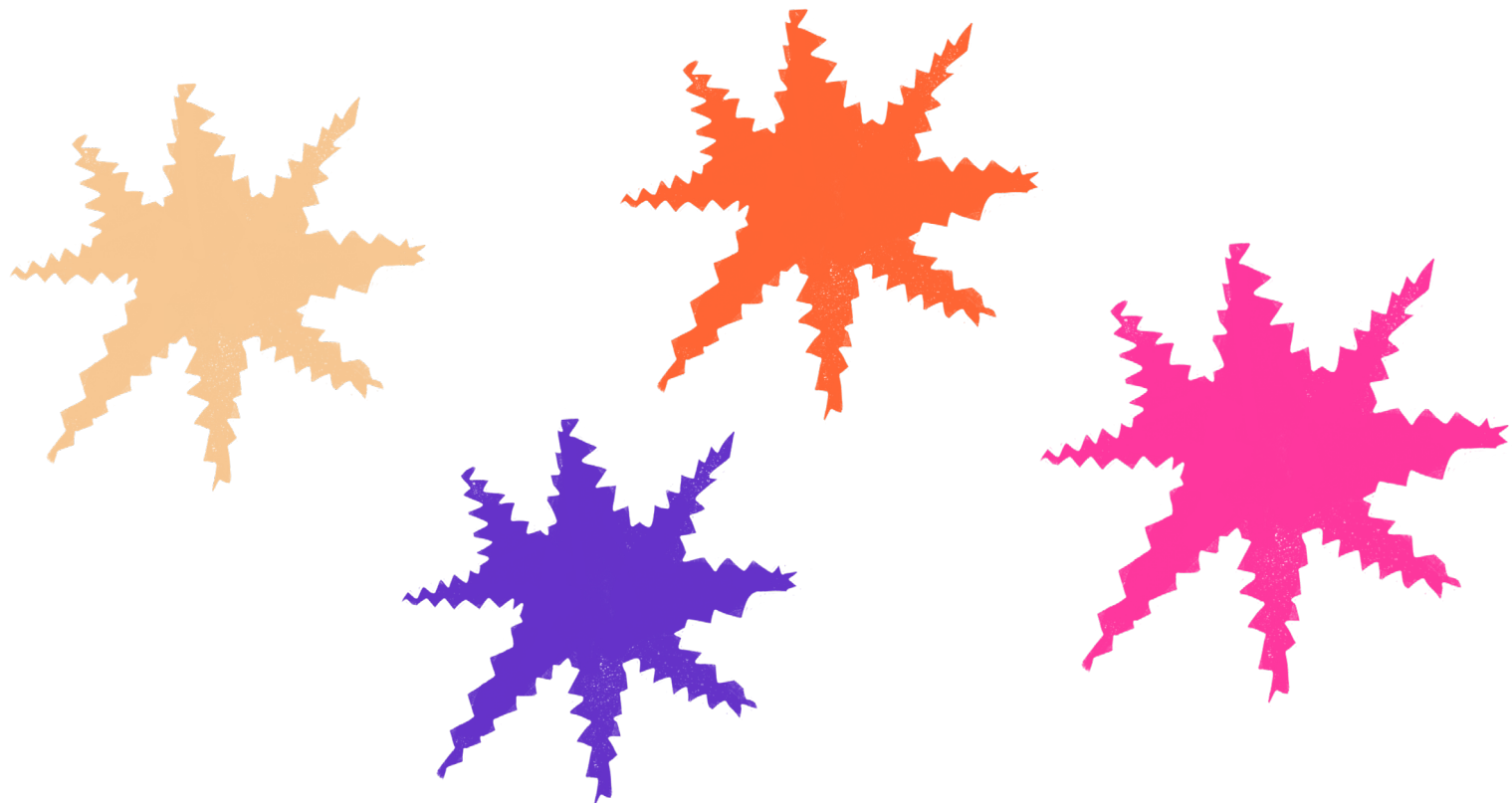
Turning a blind eye is not the idea, though
lynching is a racist practice.

The character has no color, we know. But
hate does!

And when one of us falls, we all fall
together.



She doesn't
praise my
poems
anymore



She doesn't praise my poems anymore.
Or read them in my eyes
Nor does she lie in my arms.

She doesn't praise my poems anymore.
Nor kindly touches my kinky hair
Or my skin.

She doesn't praise my poems anymore!
Because she is not here.
I can feel her body on cold nights
Her presence when I cry,
But she is not here.

She doesn't praise my poems anymore
Because she was taken from me
With the deadly patriarchal phallus
They have taken her.

She doesn't praise my poems anymore
Because she used to love another woman.

The tear that pours out now is blood!
My flower will not blossom this morning.

Deliberate Extermination— tion

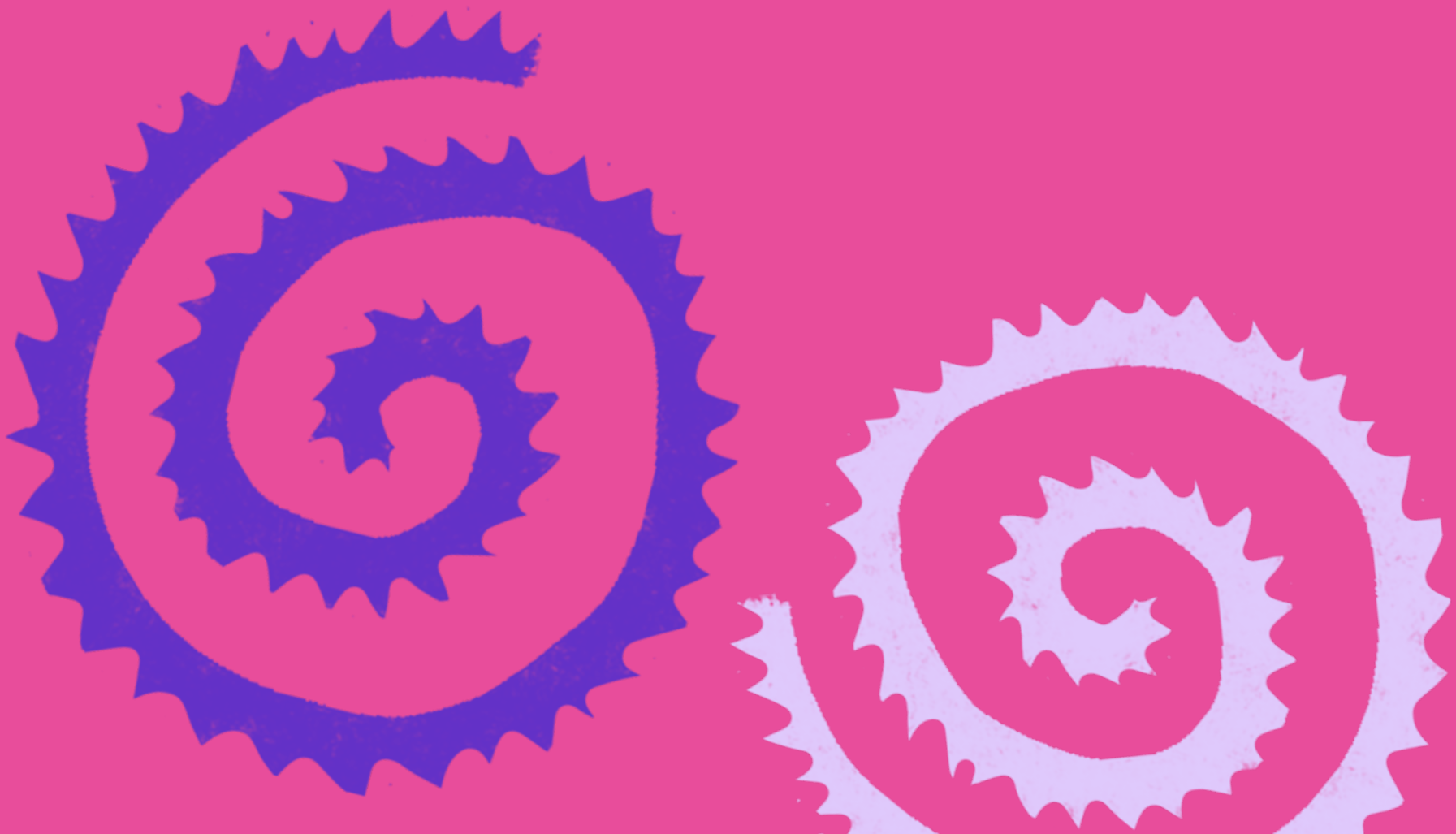
They drank that time as if it was their last
They laughed as if that was their only
laughter
And went up the hill in timid footsteps
To kiss their woman as if she was unique
Their footsteps were interrupted by dry
noises
Their blood pouring down like tears
Dead at the crossroads disturbing the
traffic
Agonizing in the middle of the sidewalk
That time we drank as if it was our last
We laughed as if that was the only
laughter
And agonized in the middle of the

sidewalk
Once again we died by the hands of the
state
And they closed the case
Before it was solved
Once again we died without an answer
Died at the crossroads disturbing the
traffic
And agonized in the middle of the
sidewalk
And floated in the air like a feather
And hit the ground like they were nothing
And the bullets would reach their soul
And he finally died at the hands of his first
cousin

And we agonized in the middle of the
street
And the neighborhood became silent
Just hearing the sound of the dry gunfire
We woke up in the middle of the chaos
And at dawn we have all died together
And we all floated like feathers
It was like the pain of dagger into our soul
Black mothers crying blood tears
For Black families who die every single day
And for Black youth trying to grow the
hope that weeds try to take away
For Black people
React



ABOUT THE AUTHORS





Carmen Kemoly

Born in Timon (MA), which borders Teresina, capital of Piauí, Carmen Kemoly is a journalist graduated from UESPI, rapper, poet, and video director. She has a master's degree in Communication and Culture (UERJ) and is a PhD student in Ethnic and African Studies at the Federal University of Bahia (UFBA). Collaborator in the Platform *Ocorre Diário*. Director and screenwriter of *Esperança 1770* (2019). She also released the rap album *Karma* and some videos on YouTube in 2019.



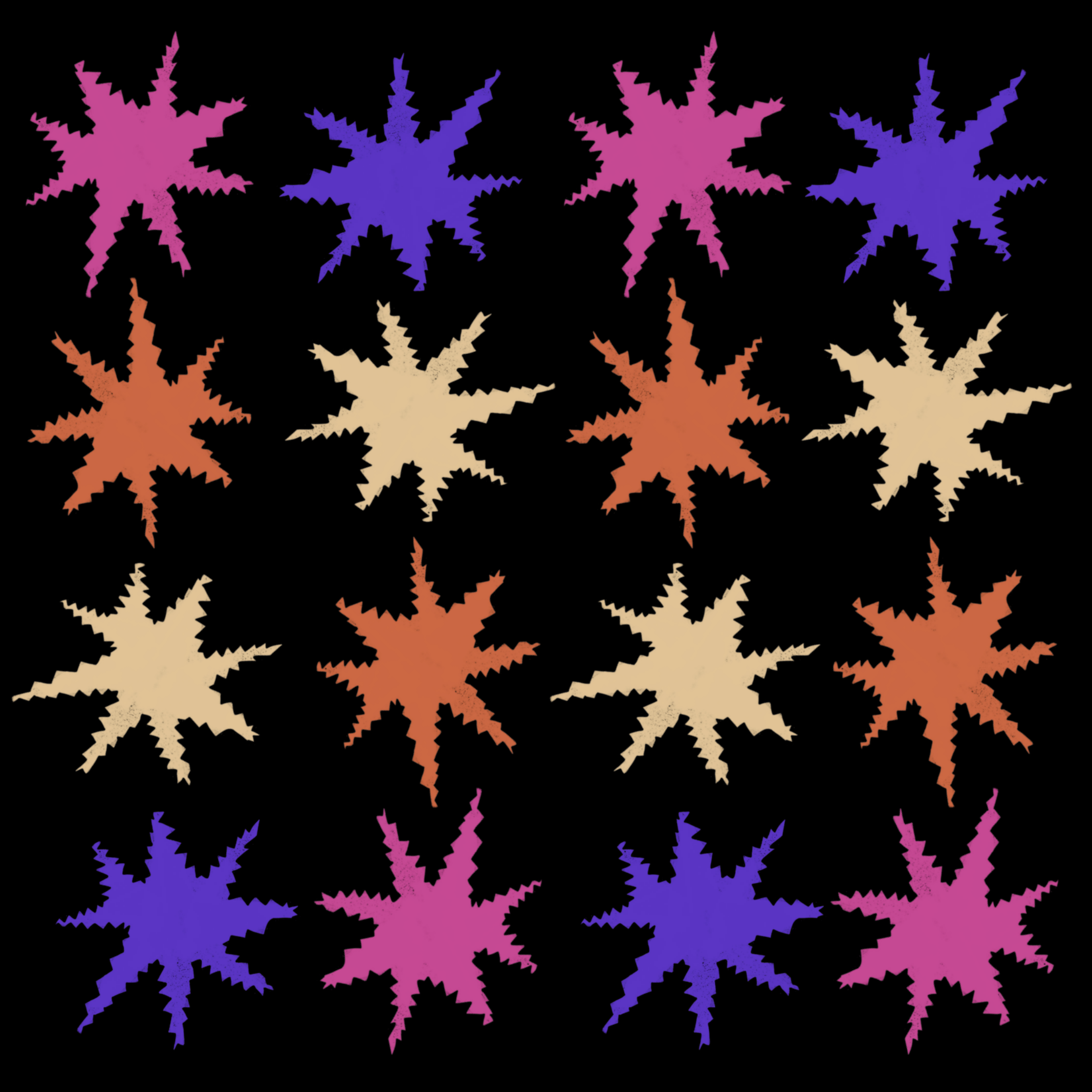
Jessica Preta

Jessica Preta was born in Abreu e Lima. She is an educator and social communicator, poet, councilor for Afro-Brazilian Culture in Campina Grande, general coordinator of the social project *Batalha do Pedregal* and Slam at school. She is the organizer of *Viral Slam* and *Balbúrdia Slam* and the founder of the Slam for Black Women in *Espaço Lusófono*. She has worked in the popular trade with her family. From a very young age, she had to reconcile studies with other tasks, and because of that her artistic vein has effectively manifested itself through marginal poetry only in 2018. From the scenario of arts and culture, Jéssica began to dedicate herself to the studies of race and gender, searching for information that would help her to denounce and understand the racist and misogynist structure that has long been present in Brazil. In this sense, poetry became a weapon in her struggle and Slam *Batalha do Pedregal* was born to become a place of resistance.



Van Cerqueira

Vanessa Cerqueira is a Black lesbian woman, poet, slammer, and teacher. She acts in the antiracist struggle through education, culture, and arts. Member of the Artistic Cultural Association Odeart. She integrates the poetic anthology *O diferencial da favela: dos contos às poesias de quebrada* (Sarau da Onça, 2019) and is the winner of *Slam Pandemia Poética* [Slam Poetic Pandemic]. She is also a master student in Reading, Literature and Culture at the State University of Bahia (UNEB).



QUANTO INSUBMISSO

EDITORA
DIÁLOGOS
INSUBMISSOS


**FUNDAÇÃO
ROSA
LUXEMBURGO**
BRASIL E PARAGUAI

ISBN: 978-65-996370-1-8

CDL



9 786599 637018